

A FORTALEZA DE MAZAGÃO

BASES PARA UMA PROPOSTA DE RECUPERAÇÃO E VALORIZAÇÃO

JOÃO MANUEL BARROS MATOS, ARQUITECTO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM RECUPERAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E PAISAGÍSTICO

UNIVERSIDADE DE ÉVORA, MARÇO DE 2001

131506

A FORTALEZA DE MAZAGÃO

BASES PARA UMA PROPOSTA DE RECUPERAÇÃO E VALORIZAÇÃO

JOÃO MANUEL BARROS MATOS, ARQUITECTO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM RECUPERAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E PAISAGÍSTICO

UNIVERSIDADE DE ÉVORA, MARÇO DE 2001

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho foi fundamental o apoio de várias pessoas, a quem deixo o meu agradecimento:

Ao Coronel Francisco Sousa Lobo, meu orientador, que acompanhou o desenvolvimento deste trabalho com entusiasmo e obrigou-me a ser metódico e exigente no presente estudo.

À Eng.^a Maria Goreti Margalha, ao Prof. Doutor Delgado Rodrigues e ao Prof. Doutor Fernando Henriques, que me apoiaram no esclarecimento de dúvidas específicas surgidas no decorrer do trabalho.

À Dr^a Fatima Bonazza da Division des Services de Inventaire, da Direction du Patrimoine Culturel, do Ministère des Affaires Culturelles, em Rabat e aos arqueólogos Mehdi Zouak e Aboulkacem Chebri, do Centre du Patrimoine Maroco-lusitanien em El Jadida, pelo apoio que me prestaram no desenvolvimento da investigação em Marrocos.

À minha mulher.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
-------------------	----------

PARTE 1 - CARACTERIZAÇÃO DA FORTALEZA DE MAZAGÃO

1. LOCALIZAÇÃO DA FORTALEZA	4
1.1. Situação geográfica	4
1.2. Localização estratégica	4
Fotografias	6
2. HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO	7
2.1. O contexto histórico - antecedentes da construção do conjunto abaluartado	7
2.2. A construção da fortificação abaluartada – 1541/1542	9
2.3. A Praça de Mazagão após 1542	11
2.4. Obras realizadas após 1769	12
2.5. Cronologia	14
Fotografias	16
3. DESCRIÇÃO FUNCIONAL DA FORTALEZA	20
3.1. Descrição das representações antigas mais significativas	20
· Planta de 1611	
· Planta de 1757	
· Planta do Engenheiro Simão dos Santos	
· Desenho de 1802	
3.2. Implantação e relação da fortaleza com a envolvente	22
3.3. O Recinto fortificado	23
3.4. As Cortinas	24
· A Cortina Poente/terrestre	
· A Cortina Norte	
· A Cortina Nascente/marítima	
· A Cortina Sul	
3.5. Os Baluartes	26
· O Baluarte do Governador	
· O Baluarte de Santo António	
· O Baluarte de São Sebastião	
· O Baluarte do Anjo	
· O Baluarte do Santo Espírito	
3.6. As Portas	31
· A Porta do Baluarte do Governador	
· A Porta da Rua Direita	
· As Portas na zona do Baluarte do Governador	
· A Porta da Traição	
· A Porta dos Bois	

· A Porta da Ribeira	
· A Porta do Mar	
· A Porta do Baluarte do Anjo	
3.7. Os acessos do nível da praça às plataformas dos reparos e baluartes	35
· O acesso ao Baluarte de Santo António	
· O escada da Calheta	
· O acesso ao Baluarte do Santo Espírito	
3.8. As Canhoneiras	36
· As Canhoneiras de nível superior tipo A	
· As Canhoneiras de nível superior tipo B	
· As Canhoneiras de nível inferior	
3.9. As Obras exteriores	38
· O Fosso	
· Os Revelins	
· O Caminho coberto	
· Os Molhes	
Desenhos	42
Fotografias	70
4. ANÁLISE TIPOLÓGICA	111
4.1. Introdução	111
4.2. A Fortaleza de Transição	111
4.3. A Fortaleza de Mazagão - análise tipológica	113
4.4. A Fortaleza de Mazagão – relação com modelos contemporâneos	115
· O Forte Artilheiro de Vila Viçosa	
· A Fortaleza de Salsas	
· A Fortaleza de L'Aquila	
Fotografias	117
5. ANÁLISE CONSTRUTIVA	119
5.1. Os materiais	119
5.1.1. A pedra	119
· A pedra calcária	
· O arenito	
5.1.2. As argamassas de assentamento	120
5.1.3. As argamassas de revestimento	121
· Reboco tipo A	
· Reboco tipo B	
· Reboco tipo C	
5.1.4. O material de enchimento	123
5.1.5. O ferro e o bronze	124
5.2. O sistema construtivo	124
5.2.1. As fundações / o terreno de fundação	124
5.2.2. O fosso	125
5.2.3. O reparo	125
5.2.4. Os Baluartes	126
5.2.5. As Portas	127
5.2.6. As Canhoneiras	128
Fotografias	129

PARTE 2 - BASES PARA UMA PROPOSTA DE RECUPERAÇÃO E VALORIZAÇÃO

6. ESTADO DE CONSERVAÇÃO – LEVANTAMENTO E IDENTIFICAÇÃO DE PATOLOGIAS	139
6.1. Introdução	139
6.2. Relatório de inspecção	139
6.3. Intervenções de manutenção	139
6.4. O Clima	140
· Caracterização	
· O Microclima do conjunto	
6.5. Levantamento de patologias	142
6.5.1 Formas de degradação dos rebocos	143
· Formas de degradação dos rebocos do tipo a	
· Formas de degradação dos rebocos do tipo b	
· Formas de degradação dos rebocos do tipo c	
6.5.2. Formas de degradação das alvenarias expostas	145
· Alterações devidas a processos activos	
· Existência de lacunas	
6.5.3. Formas de degradação em elementos de pedra aparelhada	146
· Existência de elementos soltos	
· Existência de lacunas	
· Existência de sujidade	
· Existência pontual de elementos de ferro em oxidação em juntas	
6.5.4. Formas de degradação nas plataformas superiores dos reparos e baluartes	147
· Infiltração de águas pluviais	
6.5.5. A vegetação	147
6.5.6. A poluição	148
6.6. Conclusão	148
6.7. Fichas de inspecção	150
Desenhos	159
Fotografias	163
7. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA RECUPERAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO CONJUNTO	172
7.1. Introdução	172
7.2. Princípios orientadores da intervenção	172
7.3. Acções preliminares e complementares	173
· Reunião de equipe pluridisciplinar	
· Realização de levantamentos	
· Realização de análises, sondagens e estudos	
· Registo da intervenção realizada	
7.4. Intervenção proposta	179
7.4.1. Trabalhos de conservação / manutenção extraordinária	179
7.4.1.1 Eliminação da vegetação	180
7.4.1.2. Intervenção a realizar em elementos de pedra aparelhada	181
· Consolidação de elementos soltos	
· Execução e aplicação de elementos em falta	
· Eliminação de elementos de ferro em oxidação em juntas	
· Limpeza de elementos	

7.4.1.3. Intervenção a realizar nas alvenarias	182
· Preenchimento de rombos e lacunas.	
· Preenchimento de juntas de alvenarias de pedra irregular	
7.4.1.4. Intervenção a realizar nos rebocos	183
· Argamassas a utilizar em novos rebocos	
· Zonas que perderam completamente o reboco	
· Zonas que conservam rebocos antigos, do tipo A	
· Zonas que possuem rebocos contemporâneos, do tipo B	
7.4.1.5. Intervenção a realizar nos pavimentos	190
· Manutenção dos pavimentos de terra batida existentes e realização de drenagens	
· Eliminação dos pavimentos de blocos de cimento de dimensões regulares	
7.4.1.6. Realização da limpeza geral do conjunto	191
7.4.2. Trabalhos de desobstrução de estruturas	191
· Desobstrução de canhoneiras	
7.4.3. Trabalhos de adaptação de espaços a novas funções	192
· Espaço interior do Baluarte de Santo António	
· Espaço interior do Baluarte de São Sebastião	
· Espaço interior do Baluarte do Anjo	
· Espaço interior do Baluarte do Santo Espírito	
· Espaço interior anexo à Porta da Ribeira	
7.4.4. Trabalhos de desobstrução da estrutura do Fosso	195
· Proposta de desobstrução do fosso	
· Hipótese de desobstrução apenas do fosso Norte	
· Hipótese de desobstrução integral do fosso	
7.4.5. Trabalhos de reestruturação urbana da área envolvente da fortaleza	200
7.4.6. Recomendações para um Plano de manutenção regular do conjunto	201
Desenhos	204
Fotografias	211
CONCLUSÃO	213
BIBLIOGRAFIA	214
ENTIDADES E BIBLIOTECAS CONSULTADAS	221

ÍNDICE DE DESENHOS

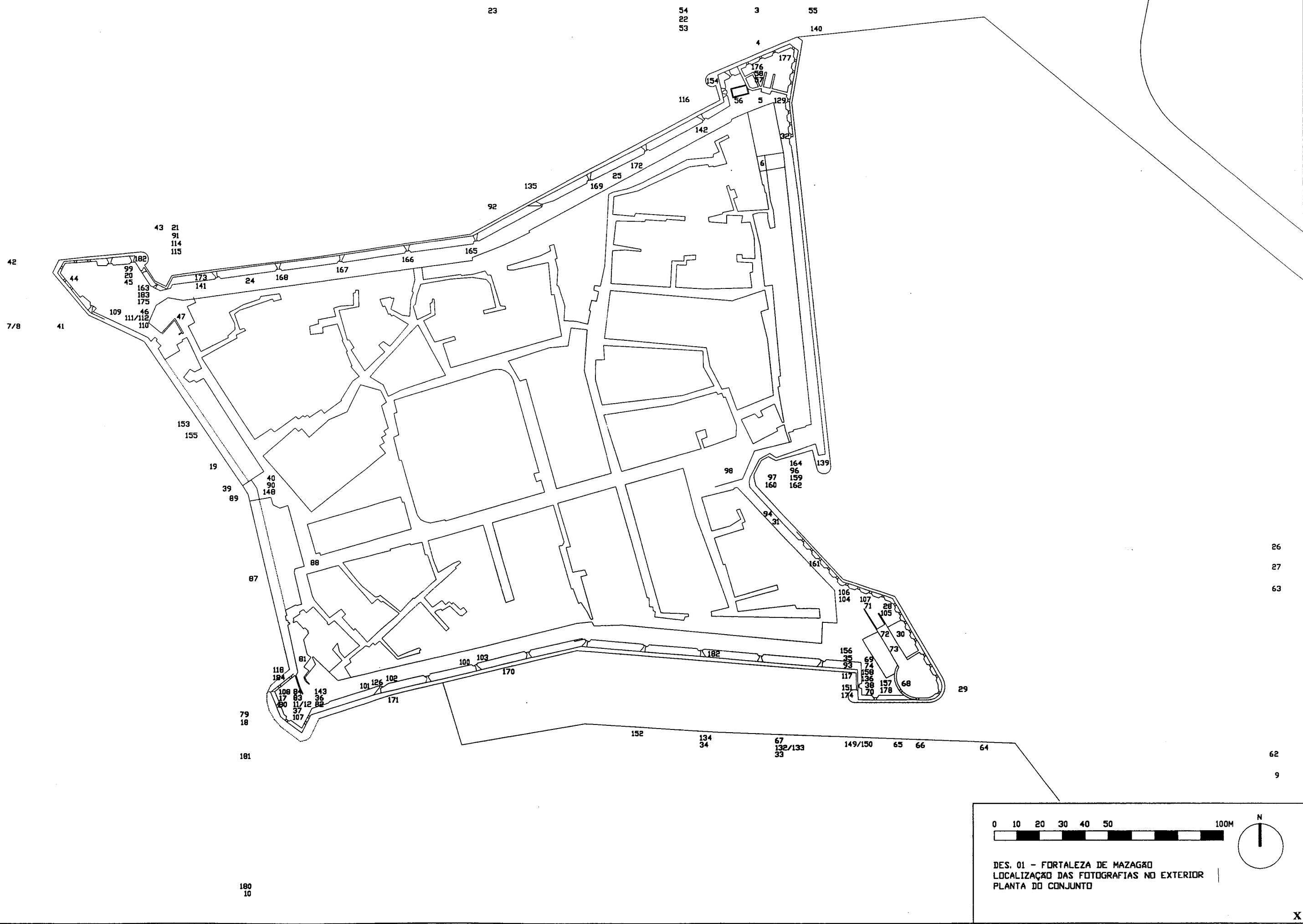
- Des.01** Localização das fotografias no exterior
Planta do conjunto
- Des.02** Localização das fotografias nos interiores dos baluartes
Planta do conjunto com os espaços interiores dos baluartes
- Des.03** Título - Planta da Fortaleza de Mazagão
Data - 1611
Autor - Desconhecido
- Des.04** Título - Plan de la forteresse de la Place de Mazagan
Data - 1757
Autor - Desconhecido
- Des.05** Título - Planta da Praça de Mazagão
Data - Séc. XVIII
Autor - Engenheiro Simão dos Santos
- Des.06** Título – Mazagão
Data - 1802
Autor - Inácio António da Silva
- Des.07** Planta do conjunto e área envolvente
(fornecida pela Division de Cartographie)
- Des.08** Planta do conjunto
Levantamento – Setembro 2000
- Des.09** Alçados esquemáticos do conjunto
Levantamento – Setembro 2000
- Des.10** Alçados esquemáticos do conjunto
Levantamento – Setembro 2000
- Des.11** Perfis esquemáticos da Cortina Norte
Perfil original e perfil actual
- Des.12** Baluarte de Santo António – Espaços interiores
Planta esquemática
Levantamento – Setembro 2000
- Des.13** Baluarte de São Sebastião – Espaços interiores
Planta esquemática
Levantamento – Setembro 2000
- Des.14** Baluarte do Anjo – Espaços interiores
Planta esquemática
Levantamento – Setembro 2000
- Des.15** Baluarte do Governador
Planta de 1611 – Pormenor
- Des.16** Baluarte do Governador
Planta de 1757 – Pormenor

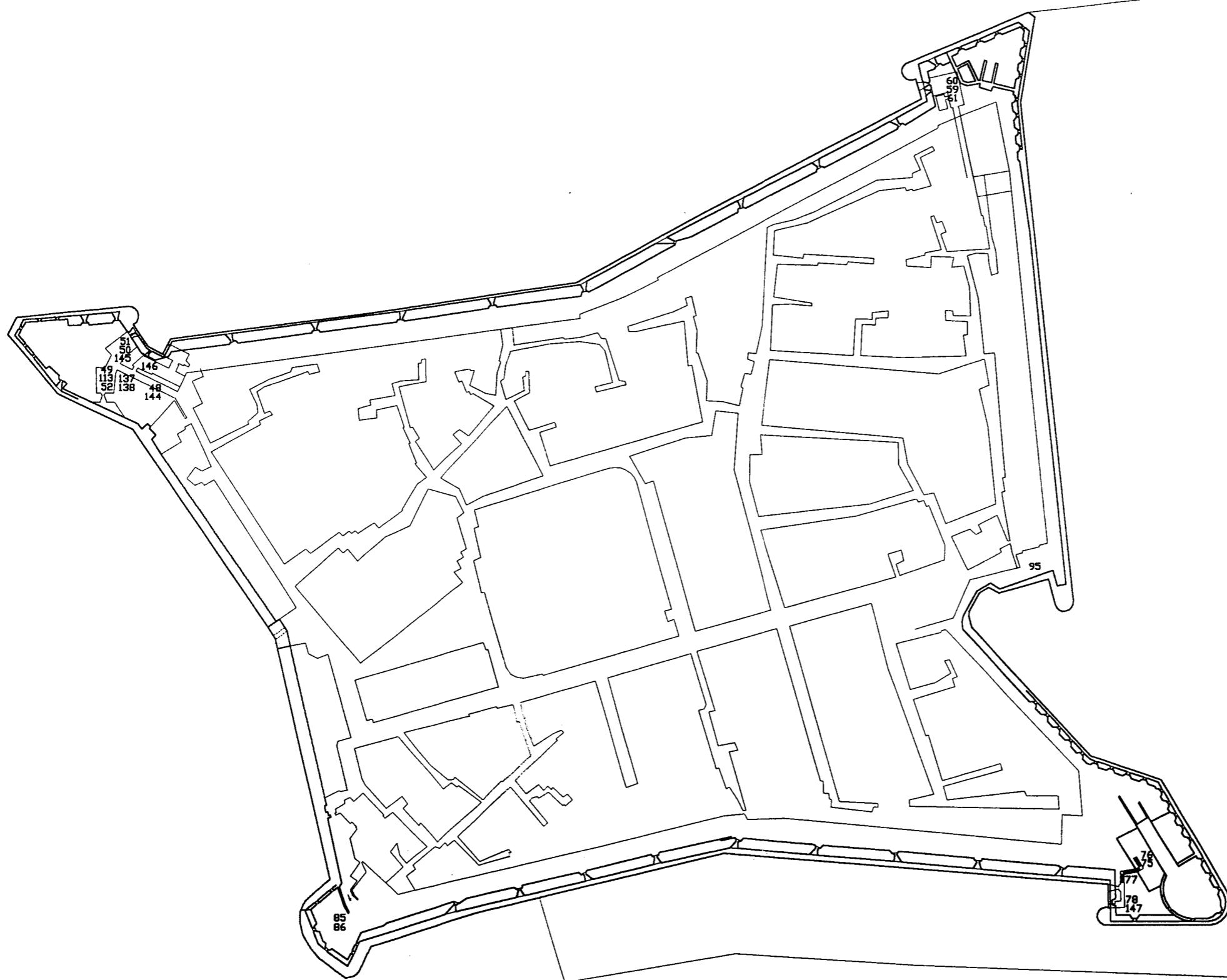
- Des.17** Baluarte do Governador
Planta de Simão dos Santos / Séc. XVIII – Pormenor
- Des.18** Baluarte do Governador
Desenho de 1802 - Pormenor
- Des.19** Baluarte de Santo António
Planta de 1611 – Pormenor
- Des.20** Baluarte de Santo António
Planta de 1757 – Pormenor
- Des.21** Baluarte de Santo António
Planta de Simão dos Santos / Séc. XVIII - Pormenor
- Des.22** Baluarte de Santo António
Planta actual - Cobertura
- Des.23** Baluarte de Santo António
Planta actual – Piso inferior
- Des.24** Baluarte de Santo António
Desenho de 1802 - Pormenor
- Des.25** Baluarte de São Sebastião
Planta de 1611 – Pormenor
- Des.26** Baluarte de São Sebastião
Planta de 1757 – Pormenor
- Des.27** Baluarte de São Sebastião
Planta de Simão dos Santos / Séc. XVIII - Pormenor
- Des.28** Baluarte de São Sebastião
Planta actual - Cobertura
- Des.29** Baluarte de São Sebastião
Planta actual – Piso inferior
- Des.30** Baluarte de São Sebastião
Desenho de 1802 - Pormenor
- Des.31** Baluarte do Anjo
Planta de 1611 – Pormenor
- Des.32** Baluarte do Anjo
Planta de 1757 – Pormenor
- Des.33** Baluarte do Anjo
Planta de Simão dos Santos / Séc. XVIII - Pormenor
- Des.34** Baluarte do Anjo
Planta actual - Cobertura
- Des.35** Baluarte do Anjo
Planta actual – Piso inferior
- Des.36** Baluarte do Anjo
Desenho de 1802 - Pormenor

- Des.37** Baluarte do Santo Espírito
Planta de 1611 – Pormenor
- Des.38** Baluarte do Santo Espírito
Planta de 1757 – Pormenor
- Des.39** Baluarte do Santo Espírito
Planta de Simão dos Santos / Séc. XVIII - Pormenor
- Des.40** Baluarte do Santo Espírito
Planta actual - Cobertura
- Des.41** Baluarte do Santo Espírito
Desenho de 1802 - Pormenor
- Des.42** Localização e identificação das canhoneiras superiores
Planta do conjunto
Levantamento – Setembro 2000
- Des.43** Distribuição das canhoneiras do tipo A e do tipo B
Planta do conjunto
Levantamento – Setembro 2000
- Des.44** Levantamento das canhoneiras superiores
Canhona tipo A1
- Des.45** Levantamento das canhoneiras superiores
Canhona tipo A2
- Des.46** Levantamento das canhoneiras superiores
Canhona tipo A3
- Des.47** Levantamento das canhoneiras superiores
Canhona tipo A4
- Des.48** Levantamento das canhoneiras superiores
Canhona tipo A5
- Des.49** Levantamento das canhoneiras superiores
Canhona tipo A6
- Des.50** Levantamento das canhoneiras superiores
Canhona tipo A7
- Des.51** Levantamento das canhoneiras superiores
Canhona tipo B1
- Des.52** Levantamento das canhoneiras superiores
Canhona tipo B2
- Des.53** Levantamento das canhoneiras superiores
Canhona tipo B3
- Des.54** Levantamento das canhoneiras superiores
Canhona tipo B4
- Des.55** Levantamento das canhoneiras superiores
Canhona tipo B5

- Des.56** Levantamento das canhoneiras superiores
Canhoneira tipo B6
- Des.57** Levantamento das canhoneiras superiores
Canhoneira tipo B7
- Des.58** Levantamento das canhoneiras superiores
Canhoneira tipo B8
- Des.59** Levantamento das canhoneiras superiores
Canhoneira de tipo distinto
- Des.60** Forte Artilheiro de Vila Viçosa
Levantamento esquemático de uma canhoneira.
- Des.61** Percurso de inspecção no exterior
Planta do conjunto
- Des.62** Percurso de inspecção no interior dos baluartes
Planta do conjunto com os espaços interiores dos baluartes
- Des.63** Localização de patologias e estado de conservação
Alçados esquemáticos
- Des.64** Localização de patologias e estado de conservação
Alçados esquemáticos
- Des.65** Perfis esquemáticos da Cortina Norte
Perfil existente e perfil proposto
- Des.66** Perfis esquemáticos da Cortina Poente (junto à Porta da Rua Direita)
Perfil existente e perfil proposto
- Des.67** Planta de implantação com área envolvente
Situação existente
(desenhada com base em planta topográfica fornecida pela Division de Cartographie)
- Des.68** Proposta de desobstrução do fosso
Planta de implantação com área envolvente
- Des.69** Proposta de desobstrução do fosso
Planta de implantação com área envolvente
Zona a remodelar e edifícios a demolir
- Des.70** Hipótese de desobstrução apenas do fosso Norte
Planta de implantação com área envolvente
- Des.71** Hipótese de desobstrução integral do fosso
Planta de implantação com área envolvente

LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS





DES. 02 - FORTALEZA DE MAZAGÃO
LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS NOS INTERIORES DOS BALUARTE
PLANTA DO CONJUNTO COM O ESPAÇO INTERIOR DOS BALUARTE



INTRODUÇÃO

A Fortaleza de Mazagão, em Marrocos, tem a particularidade de ter sido integralmente concebida e construída num muito curto espaço de tempo, entre os anos de 1541 e 1542, correspondendo a um período muito específico da evolução do modelo da fortificação de transição. Possui características difíceis de encontrar noutra fortificação sua contemporânea, num período caracterizado pela mudança ao nível da forma e funcionamento das fortificações, devida à evolução das armas de fogo. O conjunto existente, que mantém uma parte importante da sua estrutura original, apresenta-se insuficientemente mantido, mas possui, no entanto, potencial para ser muito valorizado se for sujeito a uma intervenção correcta.

Na actividade profissional desenvolvida na Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais / Direcção Regional de Edifícios e Monumentos do Sul, desde 1997, tive a oportunidade de realizar projectos de recuperação e acompanhamento de obra em estruturas fortificadas, o que me sensibilizou para as questões que envolvem este tipo de intervenção.

Uma intervenção de conservação e reabilitação a realizar no todo ou em parte de uma estrutura fortificada deve ser precedida de uma análise exaustiva à totalidade do conjunto, de modo a adquirir um conhecimento efectivo sobre os seus aspectos funcionais e construtivos. Este trabalho é fundamental para a definição de critérios de intervenção e escolha de soluções duradouras.

Tratando-se de um monumento histórico, a intervenção a realizar deverá ter, como primeira preocupação, o respeito pela autenticidade histórica e material do conjunto. Sendo o património construído um recurso não renovável e o conhecimento um processo dinâmico em constante actualização, é fundamental a preservação do elemento original.

A presente investigação incide sobre a Fortaleza de Mazagão e tem por objectivo a definição de bases para uma intervenção no conjunto, tendo em vista a sua recuperação e valorização. O estudo divide-se em duas partes distintas.

A primeira parte, de análise da fortaleza, consiste, essencialmente, num trabalho de recolha de informação para a caracterização do conjunto. Em relação à análise histórica, é abordado o contexto da sua construção, os principais acontecimentos até à data de retirada dos portugueses e os trabalhos realizados após esta data. Como metodologia de investigação, procura-se, quando possível, o recurso a documentos originais. No que respeita à descrição funcional da fortaleza, esta é realizada estabelecendo comparações entre o existente e as representações antigas que possuímos, de modo a compreender a sua evolução. Em seguida, efectuamos uma análise tipológica da fortaleza, localizando-a no período da fortificação de transição e relacionando-a com modelos contemporâneos. É feita, em seguida, uma abordagem sobre a análise construtiva que corresponde a um estudo sobre os materiais e sistemas construtivos utilizados no conjunto.

A segunda parte da investigação incide sobre a proposta de recuperação e valorização. Deste modo, é abordado o estado de conservação em que a fortificação se encontra, realizando o levantamento e identificação de patologias e incluindo a elaboração de um relatório de inspecção ao imóvel. O último capítulo incide sobre a proposta de intervenção. Aqui, definimos os princípios orientadores, assim como as acções preliminares e complementares em relação à intervenção. Conclui-se com a proposta de intervenção, que inclui a descrição dos trabalhos a realizar. É ainda delineado um plano de manutenção regular do conjunto fortificado.

Face à escassa documentação disponível sobre o conjunto existente, o estudo passou por um processo de observação e avaliação das estruturas construídas, directamente no local. Este trabalho de pesquisa obrigou à observação cuidadosa e em pormenor dos elementos construtivos, relacionando-os entre si e comparando-os com os documentos antigos disponíveis, com o objectivo de aprofundar o conhecimento sobre a evolução da construção.

Em Marrocos, nas cidades de Rabat e El Jadida, foram consultadas as entidades que directamente se relacionam com o património, com o intuito de aprofundar a investigação, procurando informação relativa à história da fortaleza após a retirada dos portugueses e às intervenções efectuadas a partir dessa época. Procurámos ainda levantamentos actualizados do conjunto e zona envolvente, fotografias antigas e elementos de carácter geral. Quanto à informação existente em Portugal sobre a fortificação, limita-se, quase exclusivamente, a dados de carácter histórico, tendo por limite a data da retirada dos portugueses da praça.

A ausência de documentação gráfica actualizada sobre esta estrutura fortificada obrigou-nos à realização do levantamento de um conjunto de elementos, de modo a reunir informação essencial para o desenvolvimento da investigação. Todos os desenhos de levantamento apresentados foram realizados expressamente para este estudo. Foi ainda efectuado um levantamento fotográfico, que constitui um indispensável complemento do texto. Por uma questão de organização, optou-se por agrupar os desenhos e as fotografias referentes a cada um dos capítulos, no seu final.

O presente estudo debruça-se apenas sobre o perímetro fortificado, não se ocupando com a estrutura urbana existente no seu interior, nem com os seus importantes edifícios, como é o caso do Castelo manuelino, da Cisterna e das igrejas.

PARTE 1 - CARACTERIZAÇÃO DA FORTALEZA DE MAZAGÃO

1. LOCALIZAÇÃO DA FORTALEZA

1.1. SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

A Fortaleza de Mazagão situa-se na costa atlântica de Marrocos, hoje integrada na cidade marroquina de El-Jadida, província da Duquela, aproximadamente cem quilómetros a Sul de Casablanca. Em relação a outras Praças que tiveram ocupação Portuguesa, Mazagão encontra-se cerca de quinze quilómetros a Sudoeste de Azamor e cento e cinquenta quilómetros a Norte de Safim.

A fortificação localiza-se perto da ponta Oeste da baía de Mazagão (*fot. 1*), junto à praia virada a Norte que se prolonga até Azamor. O terreno envolvente da fortaleza era amplo e relativamente plano. Como diz Augusto Ferreira do Amaral¹:

“Junto de Mazagão apenas se notam ligeiras ondulações do terreno, constituindo vagos outeiros a que os portugueses chamavam morouços, os quais não excediam cinquenta metros de altitude.”

A partir de meados do séc. XIX, começou a desenvolver-se, à volta do núcleo constituído pela fortaleza, a cidade de El Jadida. Hoje, a fortificação encontra-se completamente integrada na cidade (*fot. 2*), constituindo um elemento fulcral no conjunto da estrutura urbana. El Jadida é uma cidade com importante actividade turística, devida em parte à qualidade das suas praias. O conjunto da fortaleza e da chamada *Cité Portugaise*, no seu interior, é um forte atractivo turístico, constituindo o grande monumento da cidade.

1.2. LOCALIZAÇÃO ESTRATÉGICA

Segundo autores marroquinos, o lugar de Mazagão terá funcionado como porto antes de os portugueses começarem a utilizá-lo². No entanto, no início do século XVI já não existiriam vestígios desse porto³.

A situação geográfica do lugar de Mazagão, na província da Duquela, a proximidade de Azamor e a vantagem do seu ancoradouro em relação a Azamor, com boas condições de desembarque, vão ser elementos determinantes na escolha deste lugar para a construção de uma fortificação. Do ponto de vista comercial, Portugal tinha particular interesse no trigo de

¹ Augusto Ferreira do Amaral, *História de Mazagão*, p. 11.

² Pierre de Cenival, *Les Sources Inédites de l’Histoire du Maroc*, Série Portugal, Paris, 1934, vol. I, p. 103.

³ *Ibidem*.

Marrocos. A Duquela era uma região especialmente fértil em trigo, e a cidade de Azamor transformou-se num importante centro de comércio com os portugueses para a transacção deste cereal. Azamor tinha, no entanto, a desvantagem de dispor de uma difícil saída para o mar, através do Rio Umme Arreia.

Pelo contrário, o lugar de Mazagão, relativamente próximo de Azamor, possuía boas condições para ser utilizado como porto e para a construção de uma fortaleza. A sua baía permitia um bom acesso marítimo, com uma abertura considerável, facilitando a aproximação dos barcos longe da ameaça do inimigo. Para além disso, o terreno envolvente, amplo e plano, era favorável à implantação de uma fortaleza, assegurando-se deste modo uma boa visibilidade em relação ao inimigo situado em terra.

O castelo primitivo terá sido construído sobre maciço rochoso, junto à zona limite entre a praia e o mar. A construção do conjunto abaluartado foi realizada na área envolvente do castelo de origem. O conjunto abaluartado foi implantado parte em terra e outra parte para lá da linha da praia, já dentro do mar, estando assente sobre maciço rochoso, que terá sido escavado para a abertura do fosso.



FOTO 001 Vista aérea da cidade de El Jadida – 1960. Fotografia do Ministére de l'Habitat do Reino de Marrocos.

FOTO 002 Vista aérea da cidade de El Jadida – 1960. Fotografia do Ministére de l'Habitat do Reino de Marrocos.

2. A HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO

2.1. O CONTEXTO HISTÓRICO – ANTECEDENTES DA CONSTRUÇÃO DO CONJUNTO ABALUARTADO

Num estudo desta natureza, não se pretende fazer uma análise detalhada da história política da época, mas antes, enumerar os factos mais significativos da conjectura em que se dá a construção da Fortaleza.

As últimas décadas do século XV foram particularmente favoráveis ao desenvolvimento da expansão portuguesa em Marrocos. Esta contava com o ideal religioso, era apoiada pelo Papado e beneficiava da fraqueza política e militar dos mouros que se encontravam então bastante divididos. O Rei, D. João II, pretendia erguer ao longo das costas do Norte de África um conjunto de praças fortes que pudessem assegurar a liberdade da navegação nesta zona do Atlântico, ao mesmo tempo que permitissem dominar militarmente o país.

Do ponto de vista comercial, Portugal tinha particular interesse em Marrocos, nomeadamente, pelo facto de poder adquirir trigo a bom preço. Das regiões onde os portugueses procuraram instalar-se, a Duquela era uma das mais férteis em trigo, o que proporcionou que a cidade de Azamor se tornasse num importante centro de comércio de trigo com os Portugueses, embora tivesse a desvantagem de dispor de uma difícil saída para o mar.

Os Portugueses começaram então a utilizar o lugar de Mazagão, alguns quilómetros a Sul e que lhes proporcionava um desembarque seguro. A situação geográfica do lugar de Mazagão, na província da Duquela, na proximidade de Azamor, e a vantagem do seu ancoradouro em relação a Azamor, com fácil acesso ao mar e boas condições de embarque, vão ser elementos determinantes na escolha deste lugar para a construção de uma fortificação.

Com D. Manuel continuaram as relações comerciais dos Portugueses no lugar de Mazagão, tornando-se desejável a criação de uma feitoria ou fortificação que permitisse usufruir deste porto em segurança. Em 1513, o Rei planeou a conquista de Azamor, comandada por D. Jaime, duque de Bragança. A conquista foi um êxito, tendo a cidade caído em poder dos Portugueses. Logo após esta conquista, D. Jaime escreveu a D. Manuel dando-lhe conta da necessidade de construção de uma fortaleza no lugar de Mazagão, de modo a assegurar as relações marítimas de Azamor. Diz D. Jaime de Bragança¹:

“(...)Mazagam, honde he neçesario huua fortaleza mais que a vida pera este lugar, e tam grande que possam ençarrar nela douz ou tres mil moyos de pãao, se conpriv. Aja V.A. que he

¹ Pierre de Cenival, *Les Sources Inédites de l'Histoire du Maroc*, 1^a série, Dynastie Sa'dienne, Archives et Bibliothèques de Portugal, Paris, 1934, vol. I, p 442.

o melhor porto do mundo. ”

Em 1514, começou a ser construída uma fortaleza, onde, como se sabe, trabalharam Francisco e Diogo de Arruda². Entre 1517 e 1541, Mazagão terá tido a configuração de uma pequena povoação acastelada, constituída por um castelo, dentro do qual se implantavam as habitações, sendo o conjunto rodeado por um fosso.

A manutenção das praças africanas foi sempre difícil, dado que elas cortavam o acesso ao mar dos reinos muçulmanos e prejudicavam o seu comércio. Com D. João III aparece em Marrocos o forte poder centralizador dos Xerifes do Suz, que vão combater os portugueses animados do espírito da guerra santa. O poder dos Xerifes foi crescendo e D João III, consciente das dificuldades, planeia o abandono de diversas praças³, embora tarde a tomar uma decisão.

Em Março de 1541 cai em poder dos mouros Santa Cruz do Cabo de Gué (Agadir), o que constitui um duro golpe no prestígio das forças portuguesas no Norte de África. Em Outubro do mesmo ano, D. João III decide evacuar Safim e Azamor. O Rei vê-se obrigado a abandonar estas duas praças cujas fortificações se tinham tornado frágeis em relação ao desenvolvimento das técnicas de guerra que o inimigo agora possuía.

No entanto, D. João III não desejava renunciar completamente ao Sul de Marrocos. Era necessário conservar uma base de operações nesta região. O Rei decide, assim, concentrar todos os esforços na construção de uma fortaleza inexpugnável, construída segundo os critérios mais modernos de fortificação.

Mazagão apresentava vantagens únicas. Para além da boa localização e da relativa qualidade do porto, a pequena fortificação existente poderia servir como base de apoio durante a construção da nova fortaleza. O poder de ataque dos mouros era agora bem maior que quando da edificação de outras fortificações portuguesas no Norte de África e a pequena fortificação existente constituía um elemento importante para assegurar uma certa segurança durante os trabalhos.

2.2 A CONSTRUÇÃO DA FORTIFICAÇÃO ABALUARTADA – 1541/1542

Uma vez tomada a decisão de realizar a fortificação de Mazagão, tudo foi realizado rapidamente. Em Março de 1541, D. João III nomeou, como Governador desta praça, Luís de

² Sousa Viterbo, *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, vol. 1, Lisboa, 1899, p.48.

³ António Dias Farinha, *História de Mazagão durante o período Filipino*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1970, p.22.

Loureiro, soldado experimentado na guerra de África⁴, que irá acompanhar os trabalhos da fortificação.

Relativamente a Maio de 1541, sabemos da presença do arquitecto Diogo de Torralva em Mazagão, encarregado de estudar o local onde se devia erguer a nova fortaleza⁵. Foi escolhida a área em redor do castelo então existente, devendo a edificação implantar-se uma parte em terra e a outra para lá do limite da praia, já dentro do mar.

Os planos da fortificação foram traçados por Benedetto da Ravenna⁶, arquitecto italiano que tinha sido posto ao serviço de D. João III pelo imperador Carlos V, para quem já trabalhava há muito. A direcção das obras coube aos arquitectos João de Castilho e João Ribeiro que chegaram a Mazagão em Julho ou Agosto de 1541.

Nas obras trabalharam mais de 1000 homens, pelo menos desde Julho de 1541⁷. Os soldados que haviam abandonado Azamor e Safim vêm concentrar-se em Mazagão, reforçando a segurança dos trabalhos. Nesta altura, o receio de um cerco por parte do Xerife Mulei Mohâmede Xequ, levou à presença de uma forte guarnição apoiada por uma armada estacionada na baía, que garantia a segurança dos trabalhos⁸.

Os trabalhos avançaram com grande rapidez, sobretudo se tivermos em conta as difíceis condições em que estes se processavam. A população, constituída em grande parte por pedreiros e soldados, excedia em muito a capacidade da pequena fortificação manuelina:

“(...) cette affluence posai de redoutables problèmes de logement et de ravitaillement. On manquait de magasins pour garder les vivres, on n'avait pas assez de fours et de boulangeries pour faire cuir le pain et le biscuit, et les ouvriers déclaraient qu'ils ne pouvaient travailler puisqu'ils ne mangeaient pas.”⁹

A insegurança do território complicava as actividades e reduzia as horas úteis de trabalho:

“La carrière se trouvait à quelque distance de la place, on ne pouvait y aller que lorsque la campagne avait été reconnue par les soldats affectés à cette besogne et que les vedettes étaient en place ; il fallait ainsi attendre deux ou trois heures après le lever du soleil, et les mêmes raisons de sécurité obligaient les ouvriers à regagner Mazagan de bonne heure dans l'après-

⁴ Robert Ricard, *Les Sources Inédites de l'Histoire du Maroc*, 1^a série, Dynastie Sa'dienne, Archives et Bibliothèques de Portugal, Paris, 1951, vol. IV, p. 9-10.

⁵ Ibidem

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem.

⁸ António Dias Farinha, op. cit., p.25.

⁹ Robert Ricard, op. cit., p. 10.

midi. Pour compenser, on travaillait même le dimanche et les jours de fête. “¹⁰

As cartas enviadas ao Rei pelos dois arquitectos e pelo governador denotam um espírito de grande entendimento entre os três, o que naturalmente ajudava a enfrentar as dificuldades. Segundo a carta datada de 19 de Agosto de 1541, dirigida ao Rei e de autoria de Luís de Loureiro, os canteiros encontravam-se então em plena actividade e eram utilizados bois nos trabalhos. É referido que o número de operários era agora de cerca de 1170 e o de soldados de 480¹¹.

Numa carta de Dezembro de 1541, dirigida ao Rei, da autoria de João de Castilho, é referida a necessidade de um maior número de operários. João de Castilho afirma que será escrupulosamente respeitado o plano de Benedetto da Ravena. Diz ainda que finalmente o Baluarte dos Medãos está terminado mas que a abertura do fosso dará muito trabalho do lado norte¹².

Em carta de Fevereiro de 1542 dirigida ao Rei, Luís de Loureiro elogia os arquitectos João de Castilho e João Ribeiro e informa da existência de danos causados pelo mar durante os trabalhos e avança com a hipótese do mês de Abril como data possível para voltar a iniciar alguns trabalhos¹³.

As obras continuaram durante o ano de 1542. Em Dezembro, o governador Luís de Loureiro escreveu ao Rei informando-o de que as muralhas estavam acabadas e que dois terços das obras podiam dar-se por concluídas¹⁴. Os trabalhos terão continuado ainda durante algum tempo, mas agora já sobre a protecção do perímetro fortificado.

Da leitura dos documentos de 1541 e 1542, conclui-se que a construção da fortaleza, com os seus fossos, baluartes e reparos, constituiu um enorme esforço, sobretudo tendo em consideração as difíceis condições de segurança em que decorriam os trabalhos. A edificação da Fortaleza de Mazagão, em tão curto espaço de tempo, foi constituiu uma ultima tentativa de Portugal manter uma posição que lhe permitisse exercer uma influencia activa em Marrocos. Segundo António Dias Farinha¹⁵ :

“...a sua construção só se comprehende porque o orgulho dos governantes ficara profundamente ferido com a perca de Santa Cruz. Procurava-se manter o prestígio da Expansão portuguesa perante os outros países e especialmente, ante o papado. A praça

¹⁰ Robert Ricard, op. cit., p. 10.

¹¹ Robert Ricard, op. cit., p. 11.

¹² Robert Ricard, op. cit., p. 10.

¹³ Robert Ricard, op. cit., p. 30-32.

¹⁴ Robert Ricard, op. cit., p. 113-119.

¹⁵ António Dias Farinha, op. cit., p.26.

garantia uma base para a invasão de Marrocos, ideia constante dos portugueses de Quinhentos. D. João III queria, também, conservar os benefícios da bula da Santa Cruzada, que os papas tinham sucessivamente renovado. ”

2.3. A PRAÇA DE MAZAGÃO APÓS 1542

Nos primeiros anos após a sua construção, a praça não foi muito ameaçada pelos mouros, uma vez que o Xerife Mulei Mohâmede Xequ se encontrava em guerra com o reino de Fez, na tentativa de unificação do país.

Em Março de 1562, o exército de Mulei Abdalá, filho de Mulei Mohâmede Xequ, efectiva o cerco à praça, que vai durar três meses, mas do qual os portugueses vão sair vitoriosos.

O estado de guerra com os mouros era agora habitual na nova praça, onde se temia constantemente o cerco e onde era habitual o estado de carência alimentar, devido ao deficiente reabastecimento desde a Metrópole. Longe dos tempos em que existia comércio com os mouros, Mazagão estava agora e até ao seu abandono em 1769, dependente dos produtos que lhe chegavam por mar.

O poder dos mouros continuava a crescer, encontrando-se agora mais unificados e possuindo maior capacidade de fogo. Em 1550, D. João III, consciente do perigo em que se encontravam as fortalezas de Marrocos, manda abandonar Arzila e Alcácer Ceguer. Os esforços ficam assim concentrados nas três praças que restavam aos portugueses no Norte de África: Ceuta, Tanger e Mazagão. Eram praças bem defendidas pelas suas estruturas fortificadas e de fácil acesso por mar. Das três, Mazagão é a praça que vai resistir por mais tempo afecta à coroa portuguesa, até ao seu abandono em 1769.

Quando, nesse ano, o Marquês de Pombal ordena a retirada dos Portugueses, a situação na praça era muito difícil. Os Portugueses estavam com enormes dificuldades frente à pressão dos ataques dos mouros, que, provavelmente, teriam já provocado uma certa destruição na estrutura de defesa da praça.

Ao retirar, os portugueses dinamitaram partes da fortaleza causando-lhe grandes danos.

*“Antes de partirem, destruíram as pedras sacras das igrejas, encravaram as peças de artilharia, mataram os cavalos e mais gado e minaram todos os baluartes. (...)Souve-se depois que o rebentamento da pólvora dos baluartes veio a provocar a morte de milhares de mouros, que festivamente entraram na praça.”*¹⁶

¹⁶ Augusto Ferreira do Amaral, *História de Mazagão*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, p 258.

Embora alguns autores falem da existência de um número elevado de vítimas do lado dos mouros, resultantes do rebentamento da pólvora dos baluartes, não encontrámos nenhum elemento preciso sobre este assunto. No entanto, a simples observação da fortificação no presente leva-nos a concluir que a fachada Poente/terrestre terá sido a mais atingida, tendo ficado completamente destruído o Baluarte do Governador e parcialmente destruídos os Baluartes de Santo António e do Espírito Santo.

2.4. OBRAS REALIZADAS APÓS 1769

Antes da retirada dos portugueses, a estrutura da Fortaleza de Mazagão deveria ainda corresponder, de um modo geral, à estrutura original construída entre 1541 e 1542, o que é confirmado pelas representações antigas que possuímos. De facto, podemos verificar que a estrutura geral da fortificação representada na Planta do Engenheiro Simão dos Santos, no séc. XVIII, corresponde à estrutura representada na Planta de 1611, a qual, ao que tudo indica, deverá corresponder à estrutura original da fortaleza construída 70 anos antes.

Antes da retirada dos portugueses, é provável que os mouros tivessem já provocado alguma destruição na estrutura de defesa da praça. Certo é que, quando da sua retirada, os portugueses fizeram explodir partes da fortaleza causando-lhe grandes danos.

Ao observarmos actualmente a fortaleza, e por comparação com as representações antigas que possuímos, podemos verificar que o seu conjunto terá sido em grande parte reconstruído após a retirada dos portugueses. Uma análise mais detalhada em relação ao edifício existente, nomeadamente no que diz respeito a elementos particulares como as canhoneiras¹⁷, permite-nos identificar diversos pormenores que atribuímos claramente às obras de reconstrução da fortificação após a destruição provocada pelos portugueses.

No Baluarte de São Sebastião podemos encontrar a sobreposição clara de duas fases distintas de construção (*fot. 3 e 4*). Sobre a construção original do séc. XVI, foi posteriormente edificado um corpo que aumentou a altura do Baluarte.

A semelhança entre as tipologias, dimensões e materiais relativos a diversos elementos, não pertencentes à estrutura original do conjunto, e que encontramos em diferentes partes da fortaleza, leva-nos a supor que estes terão sido reconstruídos numa mesma intervenção. De facto, parece-nos evidente que, num dado momento após a retirada portuguesa, existiu uma intervenção de reconstrução na totalidade do conjunto.

Nas diversas instituições marroquinas que contactámos, nomeadamente a *Division des Services de Inventaire* da *Direction du Patrimoine Culturel* do *Minister des Affaires Culturelles*, em

¹⁷ Ver capítulo 3, ponto 3.8.

Rabat, e o *Centre du Patrimoine Maroco-Lusitanien*, em El-Jadida, não encontrámos qualquer referência a estas obras.

Sabe-se que, após a retirada dos portugueses, a fortaleza, bastante destruída, manteve-se encerrada durante algumas décadas. De 1769 até 1821, todo o conjunto se encontrou abandonado, pelo que, durante este período, não terá sido realizado nenhum tipo de intervenção. Por outro lado, em fotografias do início do séc. XX, podemos já reconhecer a morfologia actual da fortificação, claramente posterior à referida intervenção de reconstrução do conjunto.

A campanha de obras de reconstrução da Fortaleza terá, portanto, sido realizada entre os anos 20 e o início do séc. XX. Entretanto, sobre a porta que dá acesso ao Baluarte de São Sebastião, desde o reparo, existe gravada a data de 1280 (fot. 5). Esta data do calendário árabe da *Hegira* corresponde ao nosso ano de 1863. O tipo de pedra, o tipo de acabamento e a tipologia da referida porta estão de acordo com os diversos elementos que podemos identificar como pertencentes à intervenção de reconstrução do conjunto. Parece-nos provável que por volta desta data se tenha dado um conjunto de intervenções de reconstrução da fortificação. Como veremos posteriormente esta campanha de obras parece ter incluído trabalhos em todas as partes da fortaleza, excluindo a cortina Sul, a cortina Norte e o interior dos baluartes.

Podemos ainda levantar a questão de para que fim foi reconstruída a fortificação neste período. Considerando improvável que existisse, nesta altura, qualquer preocupação com a recuperação do conjunto como património histórico, esta reconstrução terá sido realizada, certamente, a pensar ainda em fins militares.

Segundo Vergílio Correia¹⁸:

“Junto à fortaleza de Mazagão começou a desenvolver-se meio século depois da retirada dos portugueses uma povoação caracteristicamente mourisca, reservando-se a área amuralhada para uso da guarnição e posteriormente para judiaria, onde a população hebraica encontrou refúgio.”

A instalação de uma guarnição na fortificação está de acordo com a realização de obras de reconstrução com fins militares. Por outro lado, sabemos que, durante a permanência portuguesa, a fortificação não possuía canhoneiras voltadas para o lado do mar. Nos trabalhos de reconstrução referidos foram realizadas vinte e cinco na frente marítima. A abertura deste número de novas canhoneiras voltadas para o mar tinha claramente objectivos militares diferentes daqueles que existiram durante a permanência portuguesa.

Para além dos trabalhos de reconstrução da fortaleza, foi igualmente realizado o atulhamento do fosso junto às fachadas Poente/terrestre e Norte. Sabemos que a última parte do fosso a ser

¹⁸ Vergílio Correia, *Lugares Dalém: Azemôr, Mazagão, Çafim*, Lisboa, 1923

atulhada foi a zona frente à fachada Norte. Em fotografia do início do séc. XX (*fot. 6*), podemos observar ainda parte do fosso aberto na frente Norte, junto ao cemitério judeu.

A nível urbano, desde meados do séc. XIX, começou a desenvolver-se a cidade de El Jadida à volta do núcleo constituído pela fortaleza. Em fotografias das primeiras décadas do séc. XX podemos observar a existência de edifícios junto à fortaleza ou perto desta, entretanto desaparecidos. É o caso de edificações frente à fachada Poente/terrestre (*fot. 7*) e junto ao Baluarte do Santo Espírito (*fot. 16*). No que respeita à zona frente à fachada Sul, em fotografias da mesma data, podemos ainda observar a existência da praia junto ao fosso Sul, antes desta zona ser atulhada e ai construídos um conjunto de edifícios de apoio ao porto de El Jadida (*fot. 9 a 12 e 16*).

2.5. CRONOLOGIA

1495	Morte de D. João II. e subida ao trono de D. Manuel.
1513	Conquista de Azamor por D. Jaime, Duque de Bragança.
1514	Construção em Mazagão do Castelo manuelino com autoria dos arquitectos Diogo e Francisco de Arruda.
1517/1541	Mazagão tem a configuração de uma pequena povoação acastelada, constituída pelo castelo dentro do qual se implantam as habitações, rodeado por um fosso.
1521	Morte de D. Manuel I e subida ao trono de D. João III.
1537	Azamor é cercada pelos mouros. Aumenta o poder dos Xerifes do Suz
1541 Março	É tomada pelos mouros Santa Cruz do Cabo de Gué (Agadir). Luís de Loureiro é nomeado como governador da praça de Mazagão.
Maio	Presença de Diogo de Torralva em Mazagão para estudar o local da nova fortificação.
Julho	Trabalham já mais de 1000 operários na obra.
Julho ou Agosto	Chegam a Mazagão João de Castilho e João Ribeiro, arquitectos encarregues da direcção das obras da fortaleza.
Outubro	D. João III ordena o abandono de Safim e Azamor. Soldados, materiais de construção e munições destas praças vêm para Mazagão.
1542 Dezembro	Conclusão dos trabalhos referentes ao perímetro da fortaleza. Os restantes trabalhos irão continuar durante alguns anos mais.

1557	Morte de D. João III e subida ao trono de D. Sebastião I.
1562	Grande cerco de Mazagão entre Março e Maio.
1578	Morte de D. Sebastião na batalha de Alcácer Quibir.
1580	União das coroas espanhola e portuguesa.
1640	Restauração da independência portuguesa.
1755	O terramoto que destrui Lisboa fez-se também sentir em Mazagão, provocando estragos.
1769	Retirada dos portugueses de Mazagão por ordem do Marquês de Pombal. Destrução de parte da fortificação aquando da retirada.
1769/1821	A cidade permanece encerrada.
1821	Uma comunidade judia obtém autorização do Sultão para se instalar na cidade, onde residirá até aos anos sessenta do século XX.
1827	Alguns europeus são também autorizados a viver em Mazagão.
1863	Data a que corresponde a inscrição árabe gravada sobre a porta do Baluarte de São Sebastião. Pensamos que terá sido à volta desta data que se terá dado uma campanha de obras de reconstrução realizada no conjunto da fortaleza.
Séc. XIX	A cidade começa a desenvolver-se à volta da fortificação.
Final do séc. XIX	Presença francesa em Marrocos.
Final do séc. XIX / início do séc. XX	Atulhamento do fosso em redor da fortaleza.
1912/1953	Protectorado francês de Marrocos.
1956	Independência de Marrocos.



FOTO 003 Baluarte de São Sebastião - Agosto de 1999.
Podemos aqui encontrar a sobreposição clara de duas fases distintas de construção. Sobre a construção original do séc. XVI foi edificado um corpo com diferente tipologia e modo de construção.

FOTO 004 Baluarte de São Sebastião - Agosto de 1999.
Pormenor da sobreposição de construções.

FOTO 005 Baluarte de São Sebastião - Agosto de 1999.
Porta de acesso desde o reparo, onde encontramos gravada a data de 1280 do calendário árabe da Hegira, a que corresponde a nosso ano de 1863. O tipo de pedra, o tipo de acabamento e a tipologia da referida porta estão de acordo com diversos elementos que encontramos em diferentes zonas da fortificação e que atribuímos a uma intervenção geral de reconstrução do conjunto.

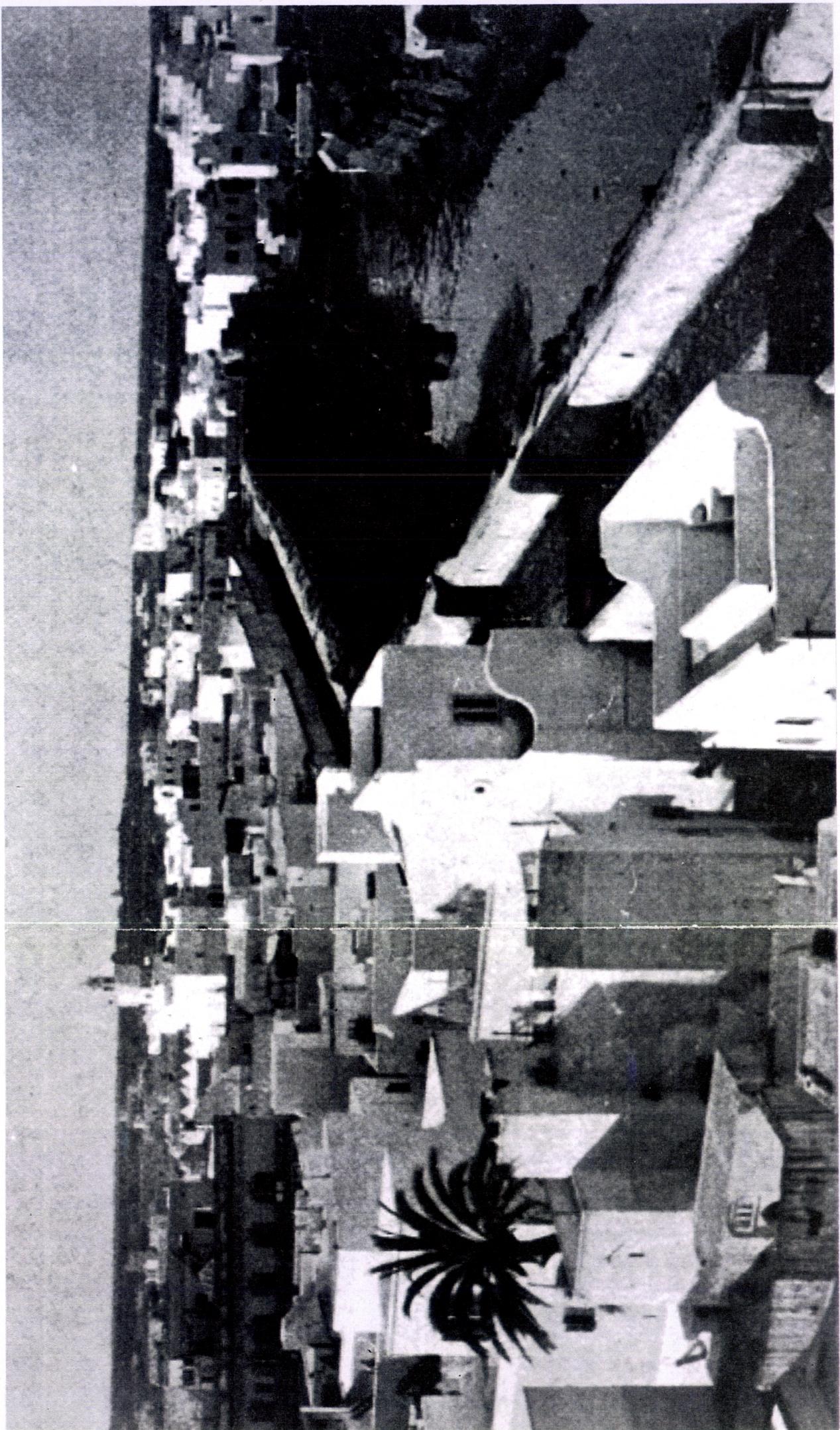


FOTO 006 Vista por cima da fachada Norte – início do século XX. Fotografia do Ministère de l'Habitat do Reino de Marrocos. Podemos aqui observar o fosso Norte antes de ser atulhado.

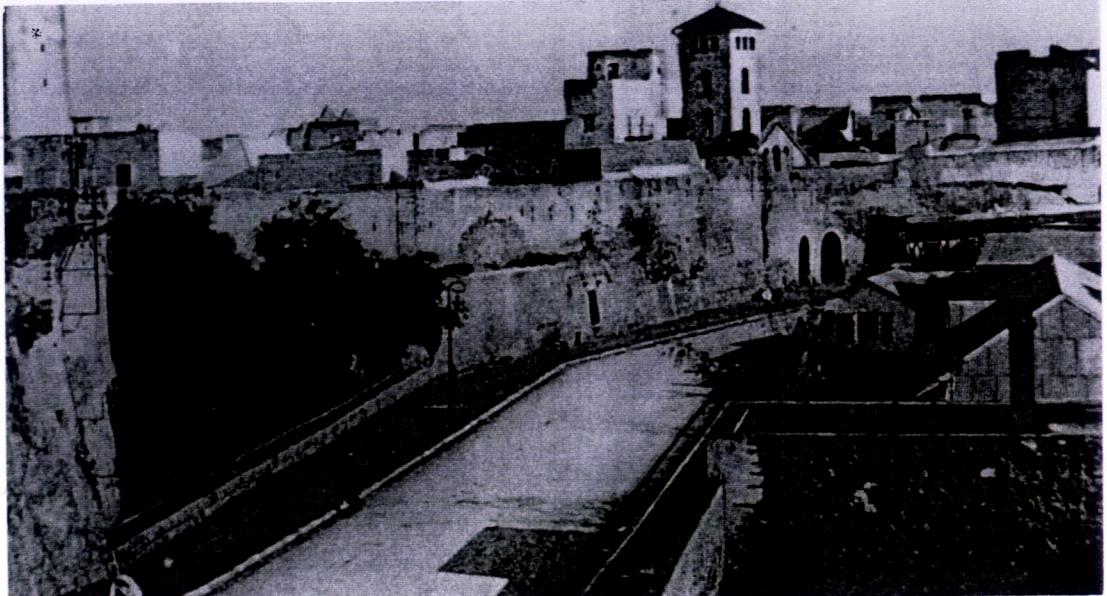


FOTO 007 Fachada Poente/terrestre - primeiras décadas do século XX. Postal ilustrado.
Em relação à actualidade podemos observar alterações ao nível dos espaços exteriores junto à fortaleza, assim como ao nível dos rebocos da fortificação. Desapareceram ainda os edifícios frente a esta fachada.

FOTO 008 Fachada Poente/terrestre - Agosto de 1999.
Vista do mesmo local na actualidade.

FOTO 009 Zona frente à fachada Sul – 1919. Fotografia do Ministére de l'Habitat do Reino de Marrocos.
Podemos observar a existência da praia junto ao fosso Sul, antes desta zona ser atulhada e ai construídos um conjunto de edifícios de apoio ao porto.

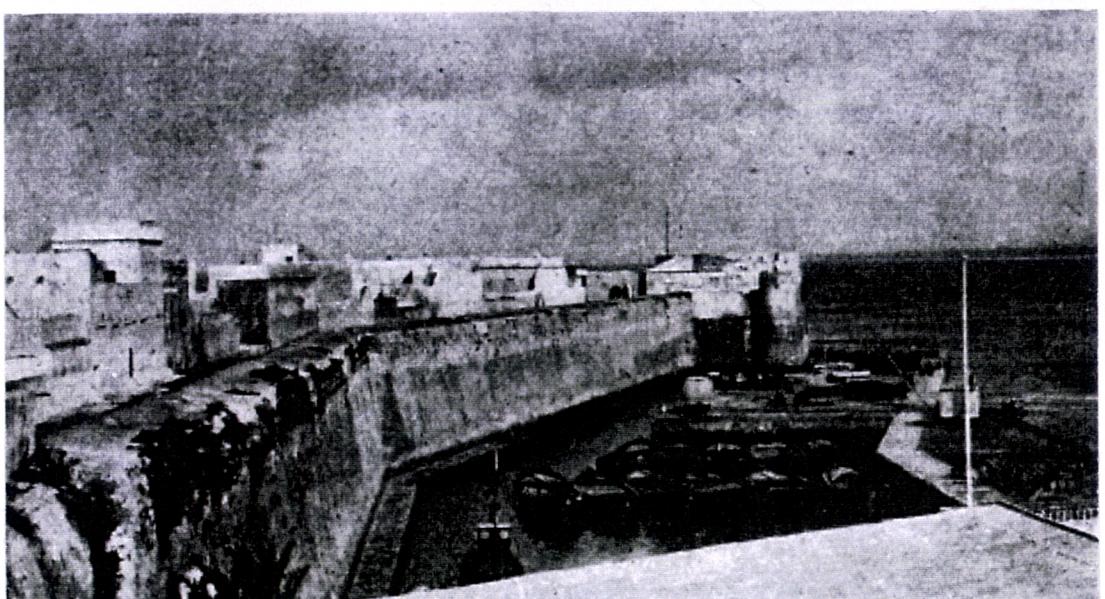
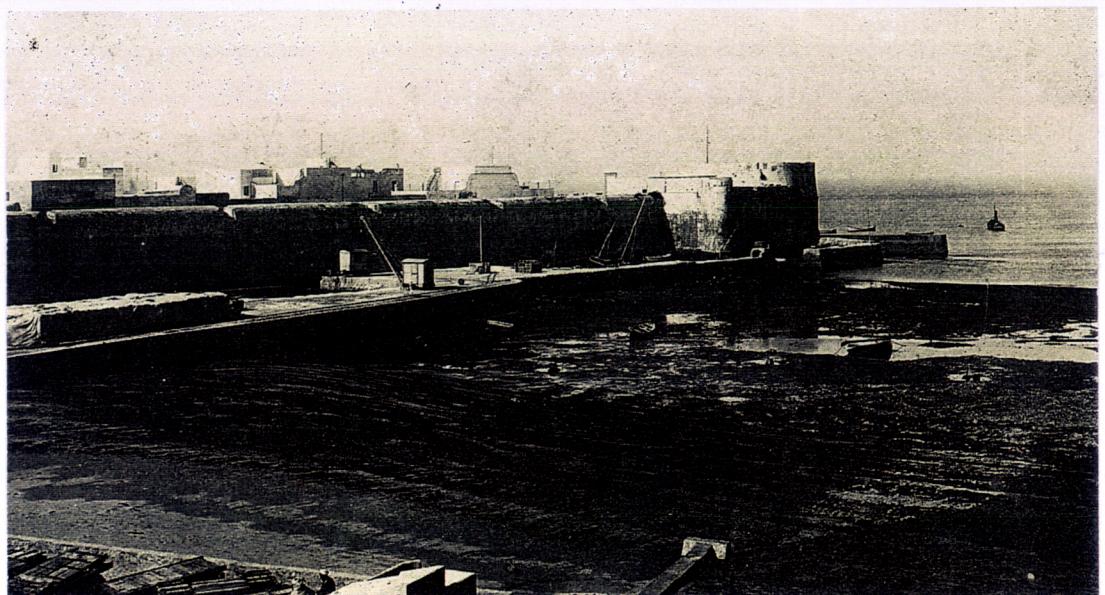


FOTO 010 Zona frente à fachada Sul – 1915. Fotografia do Ministére de l'Habitat do Reino de Marrocos. Verificamos a existência da praia junto ao fosso Sul, antes da zona ser atulhada.

FOTO 011 Zona frente à fachada Sul - 1917. Fotografia do Ministére de l'Habitat do Reino de Marrocos.

FOTO 012 Vista do mesmo local na actualidade - Agosto de 1999.

3. DESCRIÇÃO FUNCIONAL DA FORTALEZA

3.1. DESCRIÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES ANTIGAS MAIS SIGNIFICATIVAS

Para facilitar a compreensão do texto optámos por designar os desenhos antigos (referentes à Praça de Mazagão) pela data da sua realização. Em relação à *Planta da Praça de Mazagão*, do séc. XVIII, de que não conhecemos a data precisa, optámos por designá-la pelo nome do seu autor, o Engenheiro Simão dos Santos.

PLANTA DE 1611, (des. 3).

Título	Planta da Fortaleza de Mazagão
Data	1611
Autor	Desconhecido - Planta enviada ao Rei por Henrique Correia da Silva
Depósito	Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Publicação	FARINHA, António Dias - <i>Plantas de Mazagão e Larache no inicio do século XVII</i> , Série separatas, nº87, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1987.
Comentário	A planta representa a estrutura da fortificação. Oferece-nos informação de grande interesse, nomeadamente em relação às características construtivas do imóvel e às estruturas interiores dos Baluartes. Confrontando-a com a fortificação existente permitiu-nos concluir sobre a existência de zonas que não sofreram, até hoje, alterações significativas.

PLANTA DE 1757, (des. 4).

Título	Plan de la Forteresse de la Place de Mazagan
Data	1757
Autor	Desconhecido
Depósito	Biblioteca Nacional de Paris
Publicação	FARINHA, António Dias - <i>História de Mazagão durante o Período Filipino</i> , Lisboa, Centro de Estudos Ultramarinos, 1970.
Comentário	Planta com informação muito sintetizada no que respeita ao conjunto de baluartes e cortinas. Oferece-nos sobretudo indicações de ordem geral e apresenta pormenores importantes, nomeadamente no que se refere ao número de canhoneiras em cada zona da fortaleza. Deste modo, podemos ter uma noção de como se organizavam as canhoneiras nos baluartes, nomeadamente nas zonas que entretanto sofreram alterações.

PLANTA DO ENGENHEIRO SIMÃO DOS SANTOS, (des. 5).

Título	Planta da Praça de Mazagão
Data	Séc. XVIII – data exacta desconhecida.
Autor	Realizada pelo Capitão Engenheiro Simão dos Santos e desenhada por Guilherme Joaquim Pais
Depósito	Instituto Português de Cartografia e Cadastro
Publicação	FARINHA, António Dias - <i>História de Mazagão durante o Período Filipino</i> , Lisboa, Centro de Estudos Ultramarinos, 1970.
Comentário	Planta muito pormenorizada, o que lhe confere um interesse particular. Oferece informação bastante detalhada em relação aos baluartes, sua morfologia, construções existentes sobre eles, acessos às plataformas superiores dos reparos e baluartes, morfologia do fosso e obras exteriores. A planta é, no entanto, omissa em questões como as estruturas interiores dos baluartes e a localização de canhoneiras.

DESENHO DE 1802, (des. 6).

Título	Mazagão
Data	1802
Autor	Inácio António de Silva
Depósito	Biblioteca Nacional de Lisboa
Publicação	FARINHA, António Dias - <i>História de Mazagão durante o Período Filipino</i> , Lisboa, Centro de Estudos Ultramarinos, 1970.
Comentário	Representação da Praça durante o último cerco, em 1769. Este desenho foi executado já depois da retirada dos portugueses. Foi provavelmente desenhado tendo por base uma ou mais plantas preexistentes como sejam a Planta de 1757 ou a Planta do Engenheiro Simão dos Santos. Pouco adianta em relação a estes documentos e em certos pormenores, como por exemplo, o número de canhoneiras, demonstra ter pouca precisão.

3.2. IMPLANTAÇÃO E RELAÇÃO DA FORTALEZA COM A ENVOLVENTE

A implantação escolhida para a fortaleza abaluartada está relacionada com a preexistente construção do Castelo manuelino. A fortificação envolve o primitivo castelo, localizando-se este aproximadamente no centro do novo conjunto com as suas torres e a sua magnífica cisterna. O castelo havia sido construído junto à zona limite entre a praia e o mar. A fortificação abaluartada foi edificada parte em terra e a outra parte já dentro do mar, parecendo estar integralmente assente sobre maciço rochoso, que terá sido escavado para a abertura do fosso.

Partindo do princípio que o perímetro fortificado iria envolver o castelo inicial, a escolha da implantação definitiva teve em conta, certamente, a racionalização dos trabalhos. Se a fortificação fosse construída mais para o lado terra, maior esforço seria feito na abertura de fossos. Se fosse construída mais dentro do mar, levantaria problemas durante a construção e arriscava-se a ser destruída por ele. A implantação encontrada terá sido um compromisso entre estas duas situações.

Mesmo assim, e como referido em carta enviada ao Rei durante a construção da fortaleza¹, Luís de Loureiro fala de dificuldades na execução do Baluarte do Anjo, sendo mesmo obrigado a repetir trabalhos para corrigir danos causados pelo mar durante as obras.

Na sua relação com o mar, a fortaleza abre uma pequena calheta protegida e escondida em relação a terra, através da qual os barcos têm acesso à Porta da Ribeira e à Porta do Mar. No que se refere ao lado terra, onde em condições normais se situava o inimigo, o terreno envolvente era relativamente plano e assegurava uma boa visibilidade.

Alguns anos após a retirada dos portugueses, a partir de meados do séc. XIX, começou a desenvolver-se, em torno da fortaleza, a cidade de El Jadida. A cidade cresceu e a fortaleza passou a constituir um elemento fulcral no conjunto da estrutura urbana (*des. 7, fot. 13 a 16*).

Em obras realizadas entre meados do séc. XIX e o início do séc. XX, foram atulhados o fosso Poente, primeiro, e o fosso Norte, em seguida. Nas fachadas Poente/terrestre e Norte, alterou-se deste modo por completo a relação da fortaleza com a envolvente. Estas fachadas passaram a estar parcialmente enterradas, o que lhes confere uma vista menos expressiva.

No início do séc. XX procedeu-se à construção do porto de El Jadida com os seus molhes. Junto à fortaleza, o mar passou a estar dominado. Junto ao fosso Sul é então realizado o aterro da zona da praia (*fot. 9 a 12*) e são construídos diversos edifícios de apoio à actividade piscatória. Em termos de relação com a cidade, nomeadamente com a zona da praia de El

¹ Robert Ricard, *Les Sources Inédites de l'Histoire du Maroc*, 1^a série, Dynastie Sa'dienne, Archives et Bibliothèques de Portugal, Paris, 1951, vol. IV, p. 30-32.

Jadida, perdeu-se a visibilidade da fachada Sul. A fortaleza encontra-se hoje limitada a Norte por uma zona ampla em terra batida, uma rua, o cemitério judeu e um bairro de habitação; a Nascente, pelo Oceano Atlântico, em zona protegida pelo porto; a Sul, pela zona portuária; a Poente, por uma importante via e uma zona central da cidade.

3.3. O RECINTO FORTIFICADO

O recinto fortificado é hoje definido basicamente pelos quatro baluartes que constituem os quatro cantos da fortificação e pelas cortinas que os unem (*des. 8, 9 e 10 / fot. 15 e 16*), formando-se na fachada marítima uma pequena calheta ao abrigo dos ventos atlânticos.

Ocupa uma área de cerca de cinquenta e oito mil metros quadrados, sendo o comprimento de cada uma das suas fachadas, incluindo os baluartes, de respectivamente: fachada Poente/terrestre, duzentos e trinta e cinco metros; fachada Norte, trezentos e quarenta metros; fachada Nascente/marítima, trezentos metros; fachada Sul, duzentos e noventa metros.

O reparo tem nas Cortinas Norte e Sul a largura de cerca de onze metros. Na cortina Poente/terrestre, o reparo, que teria igualmente cerca de onze metros de largura², foi muito destruído e praticamente desapareceu, tendo o seu lugar sido ocupado por um conjunto de edifícios de habitação. Na cortina Nascente/marítima, o reparo é mais estreito, com cerca de seis metros de largura. Esta diferença em relação à largura dos outros reparos deve-se, com certeza, ao diferente tipo de utilização, no que respeita à artilharia que o reparo teve de origem.

Em toda a fortaleza, a superfície superior do reparo existe a uma cota entre cinco e sete metros acima do nível da própria Vila, no seu interior. Todo o recinto era cercado por água, pelo próprio mar, na fachada Nascente/marítima e através de fosso, nas restantes fachadas.

No interior da estrutura fortificada, durante a permanência portuguesa, a vila teria o aspecto dum povoação portuguesa comum, com casas de um, dois ou três andares, pequenos pátios e uma estrutura de ruas basicamente ortogonal. Hoje, podemos constatar que a *Cité Portugaise* sofreu muitas alterações, quer ao nível das suas habitações quer ao da própria malha urbana.

3.4. AS CORTINAS

As cortinas da Fortaleza de Mazagão apresentam grande robustez, constituindo estruturas preparadas para resistir a impactos de artilharia grossa. O reparo é aqui constituído, em perfil, pela escarpa exterior, o parapeito, o terrapleno, a plataforma e a escarpa interior (*des. 11*).

² De acordo com a Planta do Engenheiro Simão dos Santos.

De notar a inexistência de qualquer elemento do tipo cordão a realizar a transição da escarpa exterior para o pano vertical do parapeito. Podemos, no entanto, observar a existência de uma diferença de ângulo entre a escarpa exterior, ligeiramente inclinada, e o pano do parapeito, mais vertical.

Hoje, ao longo das plataformas dos reparos, sobre a escarpas interiores podemos verificar a existência de muros relativamente altos, que separam física e visualmente a plataforma do interior da praça (*des. 11*). Deste modo, ao percorrer o perímetro da fortaleza, sobre o reparo, apenas na zona junto à Porta do Mar, é possível ter o contacto com o interior da praça.

A CORTINA POENTE/TERRESTRE

Esta cortina era composta por dois troços: o troço entre o Baluarte do Governador e o do Santo Espírito; e o troço entre o Baluarte do Governador e o de Santo António. Aquando da retirada dos portugueses, esta terá sido a zona fortaleza que sofreu maiores danos. Como já vimos, o Baluarte do Governador, o do Santo Espírito e a zona do flanco do Baluarte de Santo António terão ficado completamente destruídos.

Sobre a ruína destes elementos foram construídos novos muros que conferiram ao conjunto uma altura constante (*des. 10 / fot. 17 a 19*). Desapareceu o Baluarte do Governador e no que respeita aos Baluartes de Santo António e do Santo Espírito, as suas faces ficaram integradas na cortina, tendo sido suprimidos os flancos. No lado interior desta estrutura, o reparo praticamente desapareceu e um conjunto edifícios de habitação passou a estar encostado directamente aos muros que constituem a cortina. O fosso foi atulhado, ficando toda a fachada parcialmente enterrada. Foram abertas três novas portas e, já nos anos oitenta do séc. XX, foi aplicado um reboco que confere a homogeneidade possível ao conjunto.

Deste modo, toda a fachada Poente/terrestre passou a estar unificada naquilo que pode ser considerado uma “amálgama”, possuindo um aspecto desfigurado e descaracterizado.

Como podemos verificar nos desenhos antigos, os dois troços que compunham esta cortina não possuíram nunca canhoneiras, localizando-se estas apenas nos baluartes. Nas obras de reconstrução realizadas em meados do séc. XIX, também não foram incluídas quaisquer canhoneiras nesta cortina.

A CORTINA NORTE

A cortina Norte, localiza-se entre os Baluartes de Santo António e de São Sebastião e é quebrada, aproximadamente a meio da sua extensão, formando um ângulo de cerca de cento e

sessenta graus (*des. 10 / fot. 20 a 25*). A cortina existente está de acordo com as representações antigas. O parapeito apresenta uma espessura significativa, cerca de três metros e trinta centímetros, o que confere com a Planta do Engenheiro Simão dos Santos. Existem nesta cortina nove canhoneiras, o que também está de acordo com a Planta de 1757.

Pelas características do perfil da cortina, típico do período da fortificação de transição, e pelo tipo de canhoneiras que ai se localizam, como iremos aprofundar, podemos concluir que esta cortina corresponde à construção original da fortificação no séc. XVI, sobre a qual não terão sido realizadas alterações significativas.

Em obras realizadas, provavelmente no início do séc. XX, o fosso em frente a esta cortina foi atulhado o que afectou a imagem desta zona da fortificação.

A CORTINA NASCENTE/MARÍTIMA

Esta cortina é constituída pelos troços entre os Baluartes de São Sebastião e do Anjo. Sensivelmente a meio da sua extensão forma-se uma pequena calheta, onde as embarcações se encontravam ao abrigo dos ventos do Oceano (*des. 10 / fot. 26 a 32*).

Segundo Planta de 1757 possuía uma torre, localizada na zona de transição entre o Baluarte do Anjo e a cortina, protegendo a calheta. Não é feita referência a quaisquer canhoneira nesta frente, em todas as representações antigas que analisámos. Mesmo no que respeita aos baluartes, esta é a única frente em que nunca existiram flancos com orelhões, nem canhoneiras baixas. De facto, a guerra que os portugueses sustentavam era claramente voltada para terra. Como veremos mais à frente, é claro que as canhoneiras hoje existentes nesta cortina são posteriores à presença portuguesa.

A espessura do parapeito é aqui muito inferior à que encontrámos nas Cortinas Norte e Sul. Também o perfil da cortina é diferente, sendo o reparo significativamente mais estreito, com cerca de seis metros de largura. Tal deve-se ao facto desta parte da fortificação não estar, à partida, preparada para o uso de artilharia pesada.

A CORTINA SUL

A Cortina Sul, entre o Baluarte do Anjo e o Baluarte do Santo Espírito, é quebrada aproximadamente a meio da sua extensão, formando um ângulo de cerca de cento e sessenta graus (*des. 9 / fot. 33 a 38*). Nesta zona da fortificação existe ainda o fosso, o que permite apreciar a cortina com a sua altura integral e lhe confere a expressão e imponência características da estrutura original.

Como acontece com a Cortina Norte, esta cortina está de acordo com as representações mais antigas que possuímos. O parapeito apresenta uma espessura semelhante à que encontramos na Cortina Norte, e que confere com a Planta do Engenheiro Simão dos Santos. Também no que respeita ao numero e localização das canhoneiras a situação existente está de acordo com a Planta de 1757.

As características do perfil da cortina e pelo tipo de canhoneiras leva-nos a concluir que também esta cortina corresponde à construção original da fortificação, que não terá sofrido alterações significativas.

3.5. OS BALUARTES

Na Fortaleza de Mazagão, os baluartes são terraplenados, estando as suas plataformas ao nível do reparo ou a um nível ligeiramente superior. Sobre estas plataformas existem ou existiram construções, ou mesmo plataformas mais altas onde se concentram as canhoneiras.

As canhoneiras distribuem-se pelas faces e flancos dos baluartes. Estes possuem, no seu interior, a um nível inferior, as casamatas onde se localizam as canhoneiras inferiores. Os baluartes da Fortaleza de Mazagão possuíam todos orelhões curvos encabeçados por torreta. Esta torreta seria provavelmente coberta por abóbada e possuía frestas de observação e tiro. Em cada baluarte existiria ainda um pequeno paitol, para uso em tempo de guerra.

Em relação às peças de fogo existentes nos baluartes, diz-nos D. Jorge Mascarenhas³:

“Nos cinco baluartes há trinta pesas de bronze grosas a fora as seis que há nas caças matas ao longo da agoa da cava”

A Planta do Engenheiro Simão dos Santos oferece-nos informação importante em relação às plataformas dos baluartes, construções ai existentes, rampas e torretas. Podemos verificar que todos os flancos dos baluartes eram defendidos por uma torreta, localizada sobre o orelhão. Actualmente apenas encontramos vestígios de três destes elementos: no Baluarte de Santo António, no de São Sebastião e no do Anjo.

Destes elementos, a torreta do Baluarte do Anjo é aquela cujos vestígios permitem fazer melhor leitura da sua estrutura original. Trata-se de uma torreta de forma cilíndrica, com um diâmetro considerável, cerca de três metros e meio, que provavelmente terá sido coberta por abóbada de tijolo. Possui acesso directamente desde a plataforma do baluarte e três frestas de observação e tiro.

³ D Jorge Mascarenhas, *Descrição da Fortaleza de Mazagão*, Lisboa, 1916.

O BALUARTE DO GOVERNADOR

O Baluarte do Governador, também chamado de Baluarte de Nossa Senhora, localizava-se a meio da fachada Poente/terrestre e era através do seu interior que se realizava a entrada na fortaleza do lado terra. O baluarte terá sido minado e completamente destruído pelos portugueses aquando da sua retirada em 1769. Dele restam hoje apenas alguns vestígios, insuficientes mesmo para identificar a sua estrutura base (*fot. 39 e 40*).

Na Planta de 1611, é visível a estrutura interna do baluarte (*des. 15*). Este era servido por uma ponte que conduzia a uma plataforma ainda no exterior. O acesso era realizado através de dois compartimentos que evitavam a entrada directa no interior da fortaleza. No primeiro destes compartimentos existia uma canhoneira inferior no flanco voltado ao Baluarte de Santo António.

Na Planta do Engenheiro Simão das Santos e no Desenho de 1802, podemos observar a ponte, que possuía duas passagens levadiças, e a plataforma ao nível da ponte, anexa ao baluarte (*des. 17 e 18*). Da plataforma do reparo, subia-se por uma rampa central para a plataforma do baluarte, onde se localizavam as canhoneiras. Do lado Norte, junto ao flanco voltado ao Baluarte de Santo António, existia um orelhão, provavelmente com torreta.

Na Planta de 1757, estão assinaladas, sobre o baluarte, seis canhoneiras superiores, quatro voltadas para o lado terrestre e duas no flanco voltado ao Baluarte de Santo António (*des. 16*).

O BALUARTE DE SANTO ANTÓNIO

O Baluarte de Santo António, também chamado de Baluarte de São Jorge ou de Baluarte de Dom Diogo, localiza-se a Poente da fortificação (*fot. 41 a 46*).

No seu exterior, o baluarte apresenta-se bastante transformado. Também ele terá sofrido graves danos durante a retirada dos portugueses, embora ainda hoje se reconheçam elementos da estrutura original, como acontece com algumas canhoneiras superiores (*fot. 109*) e o flanco voltado para o Baluarte de São Sebastião (*fot. 43*), incluindo orelhão curvo com torreta e canhoneira a nível inferior.

O espaço interior do baluarte, ao nível inferior, aparenta não ter sofrido alterações significativas em relação à sua estrutura original (*des. 12 / fot. 48 a 52*). É constituído por duas casamatas ligadas entre si, com canhoneiras voltadas sobre os flancos. O acesso a este espaço faz-se através de corredor, desde o interior da praça. Existe igualmente uma ligação à Porta da Traição. Toda esta estrutura encontra-se relativamente bem conservada e está de acordo com o representado na Planta de 1611 (*des. 19*).

A ventilação necessária para eliminar os fumos das armas de pólvora das casamatas, assim como a iluminação do seu interior, seriam realizadas através de uma abertura no tecto, ainda existente, com cerca de um metro e meio por um metro e meio (*fot. 49*).

Na Planta do Engenheiro Simão dos Santos, é representado o baluarte com o ângulo flanqueado em bico e com dois flancos com orelhões curvos provavelmente com torreta (*des. 21*). Sobre o baluarte existiam diversos edifícios, entre os quais se encontraria o paiol, para além daqueles que são identificados como a Igreja de Nossa Senhora da Penha de França e as Casas dos Padres.

Na Planta de 1757, podemos identificar cinco canhoneiras superiores, numa plataforma mais elevada em relação ao reparo, e mais duas em cada flanco (*des. 20*). Também aqui estão representados esquematicamente os referidos edifícios sobre o baluarte.

Hoje, não restam quaisquer vestígios das construções que existiam sobre a plataforma. No total, o baluarte possui dez canhoneiras ao nível superior (*des. 22*), todas sobre a plataforma, ao nível do reparo, e uma canhoneira inferior em cada flanco, embora a que se volta para o Baluarte do Governador se encontre tapada por um muro que corresponde à cortina Poente/terrestre (*des. 24 / fot. 110 a 112*).

O BALUARTE DE SÃO SEBASTIÃO

O Baluarte de São Sebastião foi também chamado de Baluarte do Norte, pela posição que ocupa em relação à fortaleza (*fot. 53 a 58*). Mantém uma estrutura semelhante à que encontramos nas representações antigas. O ângulo flanqueado é em bico, com um cunhal ligeiramente arredondado, o que constitui uma tipologia única na fortaleza (*fot. 55*). O baluarte possui um único flanco, voltado a Poente (*fot. 53*), onde se localiza o orelhão curvo com torreta e a canhoneira inferior. Do lado do mar não existe, nem nunca existiu, qualquer flanco, estando esta face do baluarte no prolongamento da cortina, fazendo com ela um ligeiro ângulo.

O espaço interior do baluarte aparenta não ter sofrido alterações significativas em relação à sua estrutura original (*des. 13 / fot. 59 a 61*). É constituído por uma casamata, com canhoneira voltada sobre o flanco Poente. O acesso a este espaço faz-se através de uma escada existente junto à Igreja de São Sebastião e um corredor já ao nível do interior da fortaleza.

Na Planta de 1611, podemos observar a estrutura da casamata com canhoneira inferior no flanco voltado para o Baluarte de Santo António, semelhante à existente (*des. 25*).

Na Planta de 1757 e na do Engenheiro Simão dos Santos e no Desenho de 1802, é representada sobre o baluarte uma plataforma mais elevada em relação ao reparo, cujo acesso se fazia por rampa junto à face do baluarte voltada para o lado do mar (*des. 26, 27 e 30*). Na Planta de 1757

estão assinaladas seis canhoneiras sobre o baluarte, quatro sobre a plataforma e duas junto ao flanco, todas voltadas a Norte, não existindo qualquer canhoneira voltada para o mar.

Durante as obras realizadas em meados do séc. XIX, terá existido uma intervenção na plataforma alta do baluarte, tendo sido reformulado o seu acesso, que passou a ser realizado por rampa desde o meio da plataforma, tendo sido refeitas todas as canhoneiras, incluindo a abertura de novas, voltadas para o lado do mar (*des. 28*). No total, o baluarte possui hoje duas canhoneiras no flanco Poente, quatro voltadas a Norte, uma sobre o cunhal e três voltadas a Nascente, para além da canhoneira inferior.

O BALUARTE DO ANJO

O Baluarte do Anjo, também chamado de Baluarte de Santiago, localiza-se a Nascente da fortificação (*fot. 62 a 73*). Conserva uma morfologia semelhante à representada nas plantas antigas. É um baluarte com torreão redondo ainda com características que podemos considerar próprias de um modelo do período inicial da fortificação de transição. Possui um único flanco, voltado a Poente, com orelhão curvo, torreta e canhoneira a nível inferior (*fot. 67*).

Encontra-se em relativo bom estado de conservação, mantendo-se a estrutura do orelhão e a canhoneira inferior, embora entaipada (*fot. 117*). Sobre o baluarte existiam algumas construções, entre as quais se incluía o pailô. Podemos ainda observar a existência de orifícios em z na parede, destinados à renovação de ar (*fot. 74 e 75*). O armazenamento da pólvora exigia um lugar próprio que deveria possuir bom arejamento, para a conservação, em boas condições, do explosivo. A execução do sistema de ventilação exigia soluções que impedissem simultaneamente a entrada de qualquer objecto.

O espaço interior do Baluarte do Anjo é de todos os interiores dos baluartes o mais reduzido (*des. 14*). Limita-se a uma escada e corredor até à canhoneira inferior e à porta a um nível ligeiramente acima do do mar (*fot. 77 e 78*). O acesso a este espaço é realizado a partir da plataforma do baluarte (*fot. 76*), ao contrário do que acontece com os restantes baluartes em que o acesso é realizado desde o nível da praça, por debaixo do reparo.

Na Planta de 1757, na Planta do Engenheiro Simão dos Santos e no Desenho de 1802, podemos observar que o acesso à plataforma superior do torreão era feito por rampa junto à cortina voltada para o lado do mar (*des. 32, 33 e 36*). Nas obras realizadas em meados do séc. XIX, o acesso ao torreão terá sido refeito, passando a fazer-se pelo meio do baluarte, no local em que, na Planta do Engenheiro Simão dos Santos é identificada a Capela de Nossa Senhora do Pilar (*fot. 71 e 72*). De facto, durante estas obras, o espaço desta capela terá sido transformado em rampa e, onde esta se situava passaram a existir canhoneiras voltadas para o lado do mar.

Segundo a Planta de 1757, o baluarte possuía duas canhoneiras no flanco, voltadas a Poente,

duas, voltadas a Sul, e seis no torreão, voltadas a Sul e Poente (*des. 32*). Hoje, o baluarte possui, no total, uma canhoneira no flanco, voltada a Poente, uma outra, voltada a Sul, e seis canhoneiras no torreão, voltadas a Poente, a Sul e a Nascente, para além da canhoneira inferior (*des. 34*).

O BALUARTE DO SANTO ESPÍRITO

O Baluarte do Santo Espírito, também chamado como Baluarte do Serrão ou Baluarte do Combate, localiza-se na zona Sul da fortificação (*fot. 79 a 84*). Encontra-se hoje profundamente transformado e desfigurado. Também ele terá sofrido grandes estragos durante a retirada dos portugueses. As faces do baluarte, o seu ângulo flanqueado em bico e os seus orelhões curvos com torreta foram completamente destruídos, não subsistindo hoje elementos que possam identificar a sua estrutura original.

Actualmente, é pouco mais que um monte de terra rebocado, com uma plataforma superior de forma irregular onde existem algumas canhoneiras, a um nível ligeiramente elevado em relação ao reparo da Cortina Sul. Nesta plataforma não existem hoje vestígios de estruturas originais.

O espaço interior do baluarte é hoje um espaço descaracterizado, em ruína onde se dá a acumulação de lixos provenientes das habitações vizinhas (*fot. 85 e 86*). Este espaço terá sido destruído e não terá sofrido qualquer tipo de intervenção, ficando abandonado, sem ter qualquer utilização. O acesso a este espaço faz-se a partir do exterior da fortificação através de uma abertura que corresponde à antiga canhoneira inferior no flanco voltado ao Baluarte do Governador (*fot. 118*). Reconhecem-se ainda as pedras de calcário que constituíam esta canhoneira.

Segundo a Planta de 1611, o baluarte possuía ângulo flanqueado em bico e dois orelhões curvos. Na sua estrutura interna, possuía duas casamatas independentes, cada uma com uma canhoneira inferior a proteger o flanco (*des. 37*).

Segundo a Planta de 1757, a Planta do Engenheiro Simão dos Santos e o Desenho de 1802, o baluarte possuía uma plataforma mais alta com acesso desde o reparo através de uma rampa central, onde se concentrava a maior quantidade de canhoneiras (*des. 38, 39 e 41*).

Na Planta de 1757, estão representadas no total treze canhoneiras superiores. Hoje existem neste baluarte seis canhoneiras sobre a plataforma de forma irregular (*des. 40*).

3.6. AS PORTAS

O sistema de entradas na fortaleza construído de origem ter-se-á mantido, no essencial, sem grandes alterações até à retirada dos portugueses. São exceções a Porta do Baluarte do Governador, desaparecida, e a Porta dos Bois, que foi entaipada durante o cerco de 1562.

Na campanha de obras de reconstrução da fortaleza, que terá tido lugar em meados do séc. XIX, foram criadas as novas portas na fachada Poente/terrestre, que vieram substituir o desaparecido acesso através do Baluarte do Governador. Durante o decorrer do séc. XX, foi ainda reaberta a Porta dos Bois, na fachada Norte da fortificação. No que respeita à Porta do Mar não nos foi possível identificar a sua origem.

A PORTA DO BALUARTE DO GOVERNADOR

Esta porta, localizada no Baluarte do Governador, era servida por uma ponte sobre o fosso, constituída por um troço fixo e duas pontes levadiças⁴. O acesso ao interior da fortaleza era realizado através de dois compartimentos situados no interior do baluarte. Com a destruição do baluarte, aquando da retirada dos portugueses a porta correspondente desapareceu por completo, não subsistindo quaisquer elementos que a identificuem.

A PORTA DA RUA DIREITA

Esta porta, situada no alinhamento da Rua Direita (*fot. 87 e 88*) foi aberta provavelmente em meados do séc. XIX, quando da reconstrução desta zona da fortaleza e do atulhamento do fosso. É uma porta em arco de volta perfeita, com cantaria de pedra tipo arenito.

AS PORTAS NA ZONA DO BALUARTE DO GOVERNADOR

Estas duas portas situam-se na zona do desaparecido Baluarte do Governador (*fot. 89 e 90*). Também elas foram provavelmente abertas aquando da reconstrução desta zona da fortaleza e do atulhamento do fosso. Possuem cantaria de pedra tipo arenito e arco em betão armado descofrado, o que nos leva a supor que terão sofrido uma intervenção no século XX.

⁴ Como podemos verificar na Planta do Engenheiro Simão dos Santos

A PORTA DA TRAIÇÃO

A Porta da Traição localiza-se junto ao Baluarte de Santo António (fot. 91) e possui cantaria de pedra calcária e arco de volta perfeita. O conjunto em que se insere apresenta uma estrutura semelhante à representada na Planta de 1611, com antecâmara defendida por canhoneiras.

Diz a notícia que acompanha a Planta de 1611⁵:

“A Porta da treição D está póstia no alto da Rócha e não tem dessida pera ho fundo da cava.”

A PORTA DOS BOIS

A Porta dos Bois localiza-se na fachada Norte, junto à linha em que a cortina faz um ângulo (fot. 92). É uma porta com arco de volta perfeita, em tijolo maciço com alguns elementos de pedra calcária.

Durante a construção da fortaleza, terá servido para fazer entrar o material retirado da abertura do fosso e que seria aplicado na realização do terrapleno dos reparos e baluartes. Segundo a notícia que acompanha a Planta de 1611⁶:

“A Pórta dos Bois G fes se somente pera recolher o entulho que se tiráva da cava quando se fazia pera os Terraplenos da murálha e Beluártes: está fecháda pella párte de dentro com pédra e Barro sómente conven fechár sse por fóra e fortelese lla más porque no estado em que está a fortaleza paresse que não sérve pera outra couza.”

Segundo Agostinho de Gavy de Mendonça⁷, a designação Porta dos Bois devia-se à sua utilização anterior; “*servia para recolher gado*”, e acrescenta:

“esta se não abriu mais do cerco para cá, por lhe derribarem a ponte com a vinda do Xarife”. Esta porta terá sido encerrada durante o cerco de 1562 e assim terá permanecido até ao séc. XX, quando, após o enchimento do fosso, terá sido reaberta, facilitando a comunicação entre o interior da fortificação e a zona Norte da cidade.

⁵ António Dias Farinha, *Plantas de Mazagão e Larache no início do século XVII*, separatas, nº87, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1987, p.5.

⁶ Ibidem.

⁷ Agostinho de Gavy de Mendonça, *História do Cerco de Mazagão*, Lisboa, 1890, p.31.

A PORTA DA RIBEIRA

A Porta da Ribeira localiza-se na zona da calheta, numa área protegida em relação ao mar (fot. 94). É uma porta em cantaria de pedra calcária, com arco de volta perfeita. Funciona actualmente como janela de uma pequena padaria existente no local (fot. 95).

Na Planta de 1611 é a única porta voltada para o lado do oceano, não sendo assinalada a Porta do Mar (des. 3). É aqui representada com uma pequena antecâmara, com a espessura do repto, que antecede o acesso ao interior da fortificação. Nesta planta, existe ainda uma plataforma exterior e degraus de acesso a esta porta, entretanto desaparecidos.

Na notícia que acompanha a Planta de 1611 podemos ler⁸:

“O molle M que se fez pera servisso da porta da Ribeira está de todo desbaratado e por falta delle os degráos que sóbem pera a ditta Pórt a e por esta párté dos degráos desbaratádos vai já cavando o mar pello peé da muralha, convem muito tornár sse a por em perfeissam assi o mólle como os degráos porque não á outra Porta por onde esta fortaleza pôssa ser soccorrida em tempo de serquo e no passádo se entendeo isto bem. “

Esta era uma porta de grande importância, por ser, na época, a única voltada para o mar e, através da qual, a fortaleza podia ser apoiada em caso de cerco. Sabemos que, em Junho de 1611, o Rei respondeu a esta notícia ordenando a reparação do molhe que protegia as escadas de acesso à Porta da Ribeira.⁹ Na Planta do Engenheiro Simão dos Santos, encontramos ainda representada uma “calçada” frente a esta porta. Presentemente não existem quaisquer vestígios da escada de acesso que terá entretanto sido eliminada.

A PORTA DO MAR

A Porta do Mar localiza-se na zona da calheta, na frente voltada para o mar (fot. 96 a 98). É uma porta em arco de volta perfeita, com cantaria em pedra calcária, com cerca de sete metros de largura por quatro metros e meio de altura. Tem a espessura do repto nesta zona e dá directamente para o interior da fortificação, sem qualquer antecâmara, possuindo hoje apenas um gradeamento de ferro.

Na Planta de 1611, não é feita qualquer referência a esta porta. Retomando a notícia que acompanha esta planta:

“O molle M que se fez pera servisso da porta da Ribeira está de todo desbaratado e por falta

⁸ António Dias Farinha, op. cit., p.5.

⁹ Agostinho de Gavy de Mendonça, op. cit., p.200.

delle os degráos que sóbem pera a ditta Pórta e por esta párte dos degráos desbaratádos vai já cavando o mar pello peé da muralha, convem muito tornár sse a por em perfeissam assi o mólle como os degráos porque não á outra Porta por onde esta fortaleza pôssa ser socorrida em tempo de serquo e no passádo se entendeo isto bem. “

É claro o facto da Porta da Ribeira ser a única colocada em posição de poder ser socorrida em caso de cerco à fortaleza, o que nos leva a considerar que a Porta do Mar não existia nesta altura. Também na Planta do Engenheiro Simão dos Santos, apesar de ser um desenho que apresenta bastante pormenor, não é representada esta porta (des.5). Neste documento encontram-se ainda representados alguns edifícios na zona em frente à actual Porta do Mar, o que reforça a ideia da sua inexistência.

Por outro lado, tendo em conta a dimensão e falta de protecção que esta porta apresenta parece improvável a sua existência durante os tempos da presença portuguesa.

Não tendo encontrado qualquer referência sobre a origem da Porta do Mar, podemos, no entanto, supor que tenha sido construída após a retirada dos portugueses, embora, não se identifique, quer pela tipologia, quer pelo tipo de pedra com que é construída, com os elementos que atribuímos claramente à intervenção marroquina ocorrida em meados do séc. XIX.

Pelo facto das alvenarias terem perdido o seu reboco, é possível reconhecer a estereotomia da pedra que as constitui (fot. 96). Deste modo, podemos notar uma diferenciação entre zonas de alvenaria de pedra aparelhada e alvenarias de pedra irregular, que poderá corresponder a diferentes intervenções realizadas sobre a estrutura original.

A PORTA DO BALUARTE DO ANJO

A Porta do Baluarte do Anjo existe na sua base, ao nível da canhoneira inferior (fot. 93). É uma porta em cantaria de pedra calcária com verga recta.

3.7. ACESSOS DO NÍVEL DA PRAÇA ÀS PLATAFORMAS DOS REPAROS E BALUARTE

Ao longo dos anos, o sistema de acessos do nível da praça às plataformas dos reparos e baluartes terá sofrido uma série de alterações. Presentemente, atinge-se o terrapleno através de três acessos: o acesso ao Baluarte de Santo António, o acesso ao Baluarte do Santo Espírito e a escada da Calheta, junto à Porta do Mar.

Nas Planta de 1611 e na do Engenheiro Simão dos Santos estão assinalados alguns acessos, como sejam a “*escada que sobe ao Baluarte do Governador*” e a “*escada dos bois*”, escada que terá sido utilizada durante a construção do terrapleno, para a subida de material de enchimento desde o fosso.

O ACESSO AO BALUARTE DE SANTO ANTÓNIO

O acesso ao Baluarte de Santo António é realizado através de rampa com degraus que se inicia junto à entrada para o interior do baluarte. Este acesso é claramente posterior à destruição do sistema de reparo da Cortina Poente/terrestre e terá provavelmente sido construído durante as obras de reconstrução da fortaleza em meados do séc. XIX.

A ESCADA DA CALHETA

Este acesso à superfície superior do reparo é realizado por uma escada existente junto à Porta do Mar. Na Planta de 1611, encontra-se assinalada uma escada neste local, denominada por “*escada da calheta por onde sobem cavalos*”. Na Planta do Engenheiro Simão dos Santos, é assinalada e referenciada como “*subida para a muralha denominada calheta*”. O acesso existente parece manter a estrutura representada nesta segunda representação.

O ACESSO AO BALUARTE DO SANTO ESPÍRITO

O acesso ao Baluarte do Santo Espírito consiste actualmente numa rampa com degraus que se inicia em zona próxima do início da Rua Direita (fot. 81). Também ele é claramente posterior à destruição do sistema de reparo da fachada Poente/Terrestre e terá, provavelmente, sido construído durante a campanha de obras de reconstrução, em meados do séc. XIX.

3.8. AS CANHONEIRAS

Na Fortaleza de Mazagão existem canhoneiras sobre os baluartes e cortinas, que denominamos por *canhoneiras superiores* e canhoneiras situadas no interior dos baluartes, a um nível inferior, normalmente um nível semelhante ao da praça, que denominamos por *canhoneiras inferiores*.

No que respeita às canhoneiras superiores podemos observar a existência de diferentes tipologias, localizadas em diferentes zonas da fortificação, as quais corresponderão a diferentes

períodos de construção.

Com o objectivo de identificar as zonas correspondentes à construção original e a zonas que sofreram alterações, realizámos o levantamento das canhoneiras superiores da fortaleza (*des. 42 a 59*). Deste modo, chegámos à conclusão que podemos dividir as canhoneiras superiores existentes em dois tipos, as canhoneiras do tipo A e as canhoneiras do tipo B, em que cada destes tipos possui características próprias da sua época de construção.

É curioso observar, no Baluarte de São Sebastião a sobreposição dos dois tipos de canhoneiras (*fot. 3 e 4*). Na face do baluarte, a um nível inferior, existem as canhoneiras tipo A e, a um nível superior, em zona claramente acrescentada, localizam-se as canhoneiras do tipo B.

AS CANHONEIRAS DE NÍVEL SUPERIOR – TIPO A

Como canhoneiras do tipo A, definimos as canhoneiras que correspondem a um parapeito mais largo, normalmente à volta de três metros e trinta centímetros, com merlão de perfil arredondado, inclinado para o exterior (*des. 44 a 50 / fot. 99 a 103*). Este perfil corresponde a um modelo típico de fortificação de transição. Estas canhoneiras têm a particularidade de serem todas construídas em pedra calcária¹⁰, aparelhada, com dimensões consideráveis.

As canhoneiras do tipo A que encontramos na fortaleza coincidem com as representações antigas que possuímos, nomeadamente com a Planta de 1757 e a do Engenheiro Simão dos Santos.

Para permitir a comparação, fizemos o levantamento de uma canhoneira do Forte Artilheiro de Vila Viçosa (*des. 60*), fortaleza do período de transição, construída na década de 1520, sobre a qual Jonh B. Bury avança a hipótese de ser da autoria de Benedetto da Ravenna¹¹. Podemos encontrar semelhanças entre esta canhoneira e as canhoneiras da fortaleza de Mazagão do tipo A, nomeadamente em relação à considerável espessura do parapeito e ao perfil dos merlões com inclinação e curvatura para o exterior, embora no caso do Forte Artilheiro a sua curva e inclinação sejam mais pronunciadas, provavelmente para permitir atingir zonas mais próximas em relação à fortificação.

As canhoneiras do tipo A são, sem dúvida, as mais antigas da fortaleza, sendo provavelmente canhoneiras originais construídas no séc. XVI.

¹⁰ Ver capítulo 5, ponto 5.1.1.

¹¹ Jonh Bury, *Benedetto da Ravenna*, in A Arquitectura Militar na Expansão Portuguesa, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994, p.131.

AS CANHONEIRAS DE NÍVEL SUPERIOR – TIPO B

Como canhoneiras do tipo B definimos as canhoneiras que correspondem a um parapeito mais estreito, entre os noventa centímetros e o metro e oitenta centímetros, com merlão recto, sem inclinação (*des.51 a 58 / fot. 104 a 108*). Estas canhoneiras são todas construídas em pedra do tipo arenito¹² com dimensões reduzidas.

As canhoneiras do tipo B que encontramos na fortaleza não correspondem a nenhuma das representações antigas que possuímos. Podemos mesmo verificar a existência de canhoneiras do tipo B em zonas em que, segundo estas representações, nunca existiram quaisquer canhoneiras. Tal é o caso de toda a fachada Nascente/marítima, em que, segundo a Planta de 1757, a do Engenheiro Simão dos Santos e o Desenho de 1802, não existiam canhoneiras. As canhoneiras aqui existentes são todas do tipo B e foram certamente construídas após 1769.

O facto deste tipo de canhoneiras possuírem o mesmo desenho, dimensões coincidentes e serem executadas com o mesmo tipo de pedra, leva-nos a admitir a hipótese de terem sido realizadas num mesmo período. Por outro lado, o facto de surgirem em diferentes zonas da fortaleza levam-nos a considerar a possibilidade de ter existido uma ou mais campanhas de obras de reconstrução, realizadas numa mesma época, que terá abrangido a totalidade do imóvel. Como já vimos¹³, a intervenção de reconstrução do conjunto da fortificação terá sido levada a cabo em meados do séc. XIX e incluiu, certamente, a construção das canhoneiras superiores do tipo B.

AS CANHONEIRAS DE NÍVEL INFERIOR

Todos os baluartes da fortificação possuíam canhoneiras de nível inferior. O desaparecido Baluarte do Governador possuía uma canhoneira sob o flanco voltado para o Baluarte de Santo António¹⁴ e o Baluarte do Santo Espírito possuía duas canhoneiras situadas em ambos os flancos¹⁵.

Hoje, podemos encontrar apenas 4 canhoneiras inferiores na fortaleza. O Baluarte de Santo António conserva duas canhoneiras (*fot. 111 a 115*), situadas em ambos os flancos. Os Baluartes de São Sebastião e do Anjo possuem cada um uma canhoneira em cada flanco (*fot. 116 e 117*), ambas voltadas na direcção Poente.

Estas canhoneiras possuem cantaria de pedra calcária com arco abatido no exterior e abóbada

¹² Ver capítulo 5, ponto 5.1.1.

¹³ Ver capítulo 2, ponto 2.4.

¹⁴ Segundo a Planta de 1611.

¹⁵ Ibidem.

em pedra aparelhada, à excepção da do Baluarte de Santo António, voltada a Sul, em que a abóbada, que provavelmente terá sido alvo de reconstrução, é em tijolo.

A sua tipologia, a qualidade da pedra em que são construídas, a forma como se inserem nos baluartes, assim como o facto de se encontrarem representadas na Planta de 1611, leva-nos a concluir que estas canhoneiras correspondem à construção original do séc. XVI.

Nos nossos dias, a canhoneira inferior do Baluarte de Santo António situada no flanco voltado a Sul - entretanto desaparecido - encontra-se oculta pelo muro correspondente à Cortina Poente/terrestre (fot. 110 a 112). Esta situação é, provavelmente, resultante da intervenção de meados do séc. XIX.

As canhoneiras inferiores do Baluarte de Santo António, voltada a Nascente e do Baluarte de São Sebastião, voltada a Poente, encontram-se entaipadas e ao nível do terreno envolvente da fortificação, após o enchimento do fosso (fot. 114 a 116), o que lhes confere um ar incaracterístico. Também a canhoneira inferior do Baluarte do Anjo se encontra entaipada (fot. 117).

3.9 AS OBRAS EXTERIORES

As principais obras exteriores, correspondentes a obras de carácter acessório construídas no exterior da fortificação, terão sido o fosso, os revelins, o caminho coberto e os molhes.

O FOSSO

O fosso tinha como principal função a possibilidade de criar uma alteração brusca na cota de terreno que impedissem a progressão das tropas inimigas. Na Fortaleza de Mazagão, o fosso encontrava-se cheio de água e contornava a fortaleza, nas suas fachadas Sul, Oeste e Norte.

Segundo Augusto Ferreira do Amaral¹⁶ :

“O fosso separava a fortaleza de terra também dos lados norte e oeste e mantinha-se cheio de água devido a uma comporta inicialmente situada junto do canto sul e depois no leste.”

Conforme é descrito na notícia que acompanha a Planta de Mazagão de 1611,¹⁷ o fosso teria cerca de quatro metros e quarenta centímetros de altura, (vinte palmos). Na sua origem, o fosso

¹⁶ Augusto Ferreira do Amaral, *História de Mazagão*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, p 29.

¹⁷ António Dias Farinha, op. cit., p. 4.

seria mais estreito, tendo sido alargado após o cerco de 1562 para a medida que tinha em 1611, tal como podemos encontrar na planta desta data:

“Por todas as partes está a seguinte fortaleza situada sobre Rócha viva e nella se cortou a Cáva de 20 palmos de alto e tantos tem o contrafóssos outros de Rócha viva e o plano della da mesma Rócha antes que el Rej de marrocos a serquásse não tinha más largura que a que se mostra pelos douos pontos e depois do cerquo se alárgou a cantidáda que se ve.”

Acerca do fosso, diz D. Jorge Mascarenhas¹⁸:

(...) tem hua cava que tem de largo cento e sinuenta palmos e de mare chea tem mais de tres braças de agoa de altura e galeotas poderão estar dentro nella mais de outenta navios deste porte (...) Cabem pella comporta navios de sincoenta e sesenta tonelladas.

Na zona Sul, junto à praia, o fosso era definido por muros que permitiam mantê-lo cheio, mesmo durante a maré baixa. Tais muros podem ser observados na Planta de 1611, bem como na do Engenheiro Simão dos Santos. Em fotografia de 1917 (fot. 132), podemos ainda ver o arranque de um destes muros de que hoje apenas resta o vestígio do encaixe, na base do Baluarte do Anjo (fot. 66).

As representações do fosso que encontramos com maior precisão são a Planta de 1611 e a Planta do Engenheiro Simão dos Santos. Segundo esta planta, a largura do fosso era variável ao longo do conjunto, possuindo as seguintes dimensões aproximadas em metros:

Fosso Norte	frente ao Baluarte de Santo Espírito	14
	frente à cortina	30/37
	frente ao Baluarte de Santo António	21
Fosso Poente	frente ao Baluarte de Santo António	16
	frente à cortina	25/33
	frente ao Baluarte do Governador	18
	frente ao Baluarte do Santo Espírito	27
Fosso Sul	frente ao Baluarte do Santo Espírito	27
	frente à cortina	27/37
	frente ao Baluarte do Anjo	15

O fosso terá sido atulhado junto à fachada Poente/terrestre, em finais do séc. XIX e na zona junto à fachada Norte, já durante o séc. XX.

¹⁸ D Jorge Mascarenhas, op. cit.

OS REVELINS

Os revelins corresponderiam a maciços de terra de forma triangular, eventualmente definidos por muros de alvenaria, com a função de criar uma primeira defesa da cortina, de modo que pudessem, sempre que necessário, ser atacados a partir dos baluartes ou da própria cortina.

Embora a Fortaleza de Mazagão se trate de um modelo de transição, correspondendo a um período em que a existência de revelins era ainda pouco frequente, sabemos que eles existiram aqui desde muito cedo. Terão sido edificados pelo menos três revelins¹⁹, um frente ao Baluarte do Governador e os outros mais afastados, sendo o terceiro datado de 1554²⁰. Tais revelins teriam certamente características muito elementares, e davam origem a um sistema de defesa ainda relativamente pouco elaborado.

Na Planta de 1611 e na do Engenheiro Simão dos Santos podemos observar a existência do revelim frente ao Baluarte do Governador. É ainda feita referência a este revelim na notícia que acompanha a Planta de 1611²¹:

*“A sse de advertir que quando se dezem tulhão 10 palmos do pé da murálha com as Pálas se deita o Entulho sobre os outros 10 e assim vem a ser 20 e depois 40 e vai cressendo desta maneira até chegar ao contrafóssos aonde os carros chegão e dali lévão o entulho e agora se vai acomodando detrás do Parapeito do rebelim P”.*²²

Deste modo, o entulho proveniente dos trabalhos de limpeza do fosso, em 1611, era utilizado na construção do revelim.

O CAMINHO COBERTO

Nas Planta de 1611 e na do Engenheiro Simão dos Santos, podemos identificar a existência do caminho coberto, que contornava a fortificação, junto ao fosso, nas fachadas Norte, Sul e Poente. O caminho coberto era um caminho no alto da contra-escarpa, para além do fosso, destinado à circulação protegida dos defensores da praça (*des. 11*). A existência deste caminho era de grande importância, uma vez que permitia circular e utilizar o espaço exterior à fortaleza.

¹⁹ Augusto Ferreira do Amaral, op. cit., p 29.

²⁰ Ibidem.

²¹ António Dias Farinha, op.cit., p. 4.

²² *Rebelim P* refere-se ao revelim que existia em frente ao Baluarte do Governador.

Como diz António Dias Farinha²³:

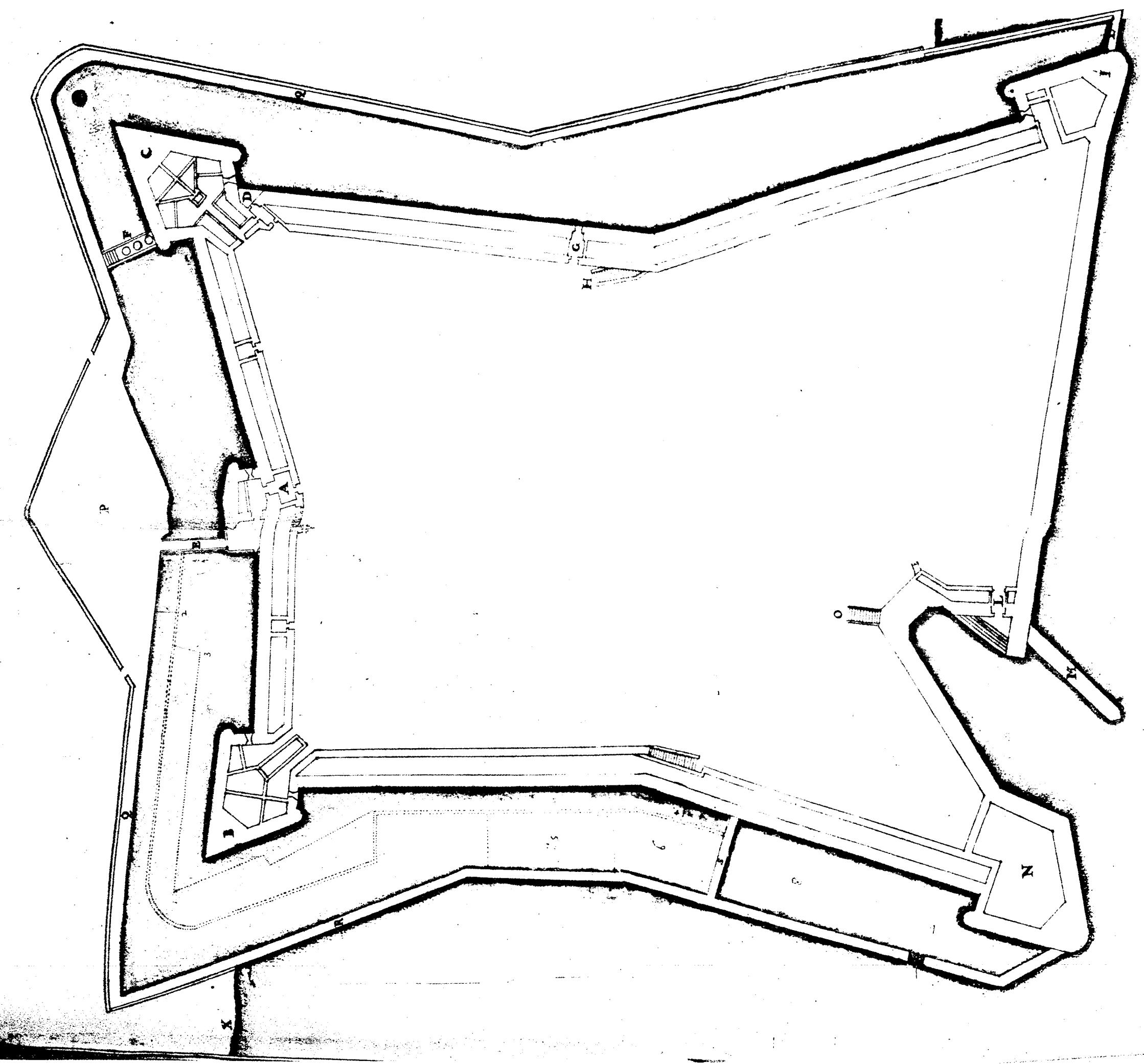
“As imediações de Mazagão eram aproveitadas pelos moradores da praça e pelos indígenas na alimentação do gado e em pequenas culturas. Junto da fortaleza erguia-se um bem organizado sistema de trincheiras e muros, que constituía táctica de guerra e que protegia um campo que os defensores da praça partilhavam entre si.”

OS MOLHES

Na Planta de 1611, podemos identificar a existência de dois molhes de protecção da fortaleza; o molhe de protecção ao Baluarte do Anjo e o molhe de protecção à Calheta. Estes molhes protegiam a base da fortificação, evitando que, com a passagem do tempo, o mar destruísse as zonas baixas das alvenarias. Ao mesmo tempo, serviam de protecção à entrada de barcos e acesso à Porta da Ribeira.

Ambos os molhes desapareceram e hoje é o molhe do Porto de El-Jadida, já com outra escala, que protege a fortaleza em relação à força do mar, controlando nomeadamente a intensidade da ondulação.

²³ António Dias Farinha, *História de Mazagão durante o período Filipino*, Lisboa, Centro de Estudos Histórico Ultramarinos, 1970, p.39.

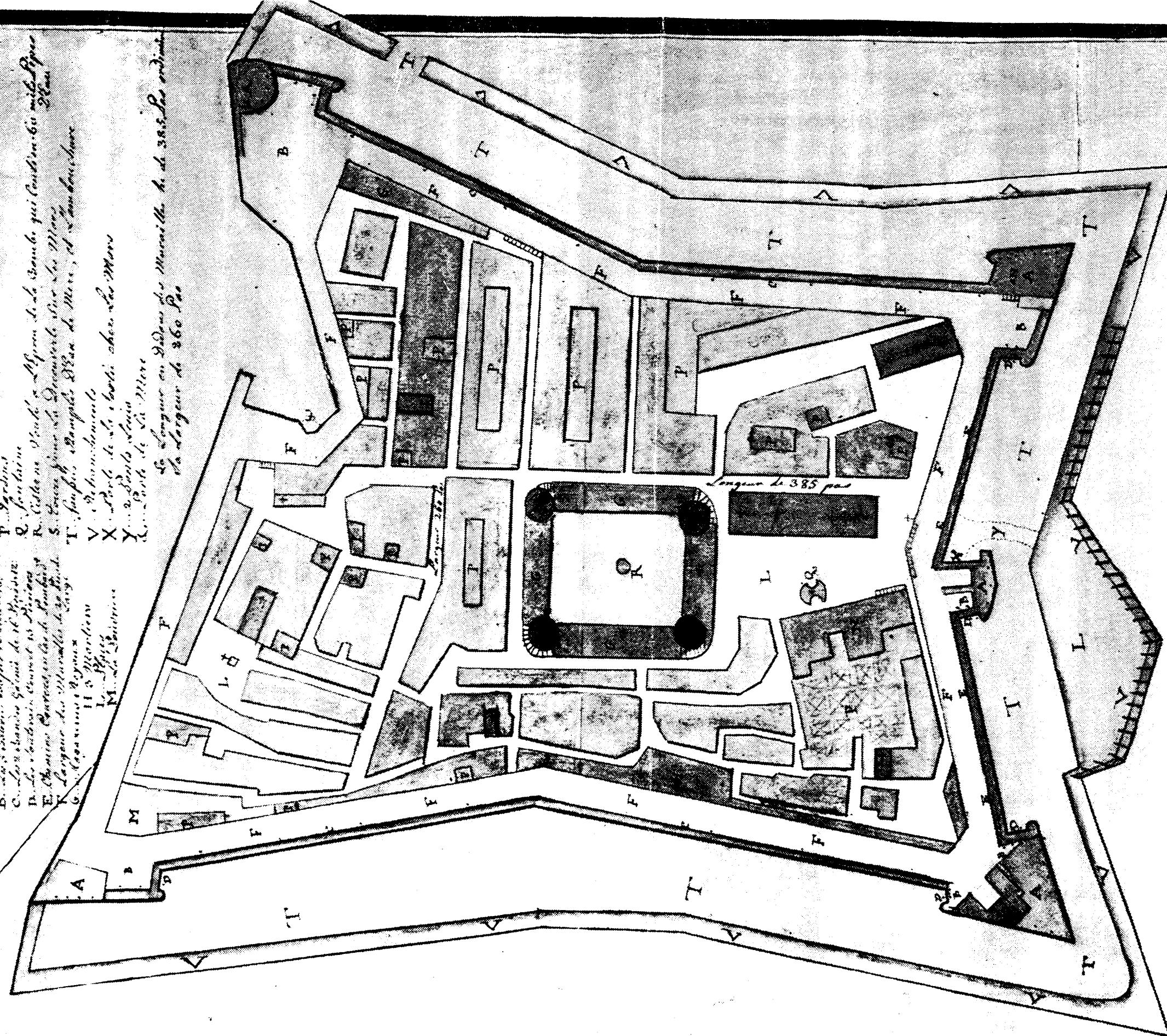


à Delineam de Recent Imia ~

A. Port Principal ~ **B.** Belarre B de São Cyrilo ou do combate ~
C. Belarre de São Tiago, ou de Dom. João; **D.** Porta da Trecaim ~ **E.** Porta ~
F. Cano de agua que vem por aqua, era de barro ~ **G.** Porta das Bois ~
H. Capela das Bois ~ **I.** Belarre do Norte ou de São. Sebastião, **L.** Porta da Cidade ~
M. Mola da Porta da Cidade, **N.** Belarre de Santiago ou do Arco ~
O. Capela da Catedra por onde valem Caídos, **P.** Principe Dom Sebastião, **Q.** Catedra da Cidade ~
R. Mola no Belarre de Santiago; **S.** Buzar por onde entrou a via a Cidade ~
T. Buzar por onde entrou a via a Cidade, **V.** Capela que tem no Belarre da Porta Antiga ~
X. Mola no Belarre de Santiago ~

Sturm die Sanktmarie. Sie ist Maria der Plazaquin

A.	Le 5 octobre l'arrivée de Mme de la Plaine de Guermat Joseph Léon de la Plaine
B.	Le 5 octobre Arrivée de Mme de la Plaine
C.	Le 5 octobre Arrivée de Mme de la Plaine
D.	Le 5 octobre Arrivée de Mme de la Plaine
E.	Le 5 octobre Arrivée de Mme de la Plaine
F.	Le 5 octobre Arrivée de Mme de la Plaine
G.	Le 5 octobre Arrivée de Mme de la Plaine
H.	Le 5 octobre Arrivée de Mme de la Plaine
I.	Le 5 octobre Arrivée de Mme de la Plaine
J.	Le 5 octobre Arrivée de Mme de la Plaine
K.	Le 5 octobre Arrivée de Mme de la Plaine
L.	Le 5 octobre Arrivée de Mme de la Plaine
M.	Le 5 octobre Arrivée de Mme de la Plaine
N.	Le 5 octobre Arrivée de Mme de la Plaine
O.	Le 5 octobre Arrivée de Mme de la Plaine
P.	Le 5 octobre Arrivée de Mme de la Plaine

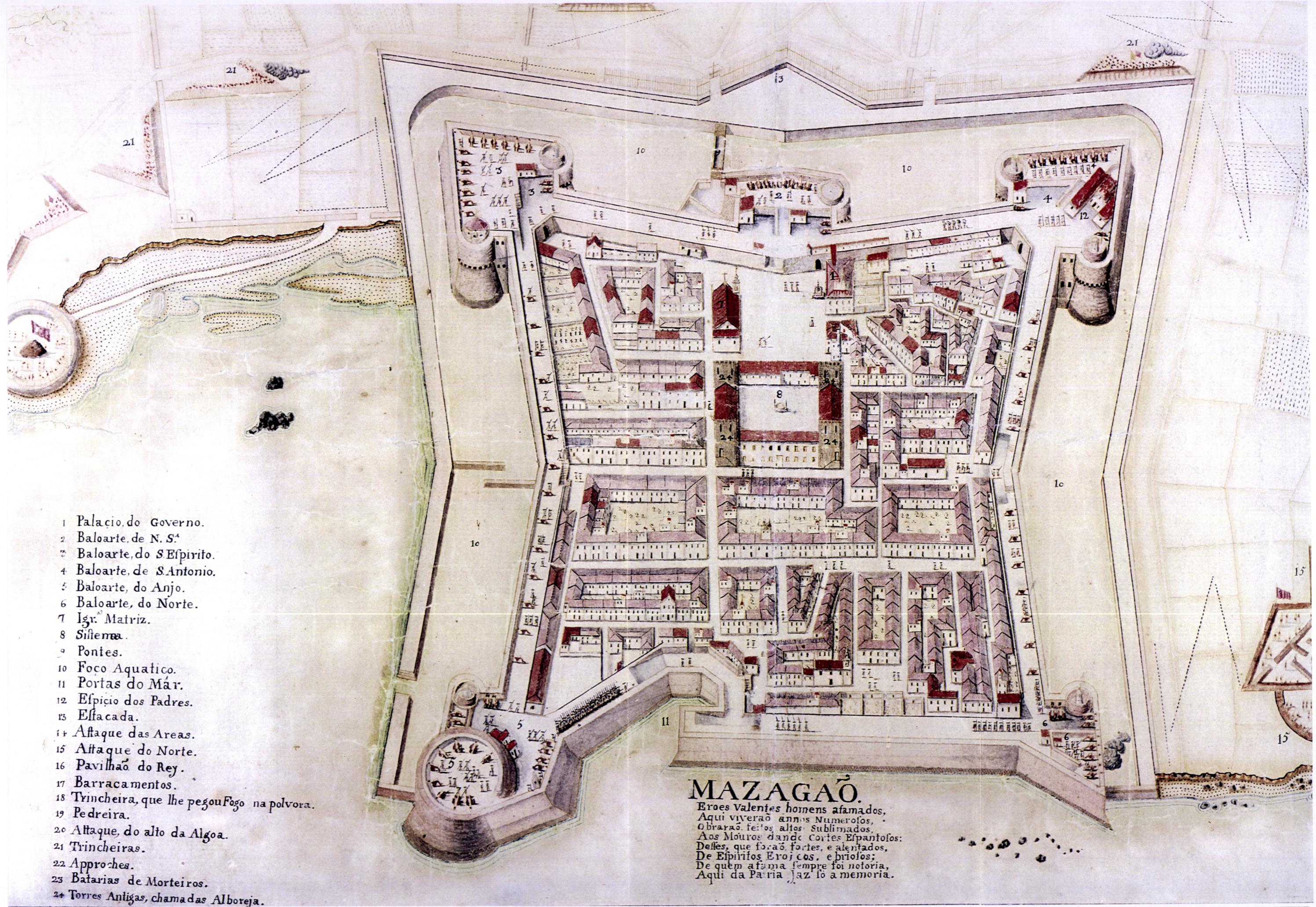


DES.04 TITULO PLAN DE LA FORTERESSE DE LA PLACE DE MAZAGAN
DATA 1757
AUTOR DESCONHECIDO 43



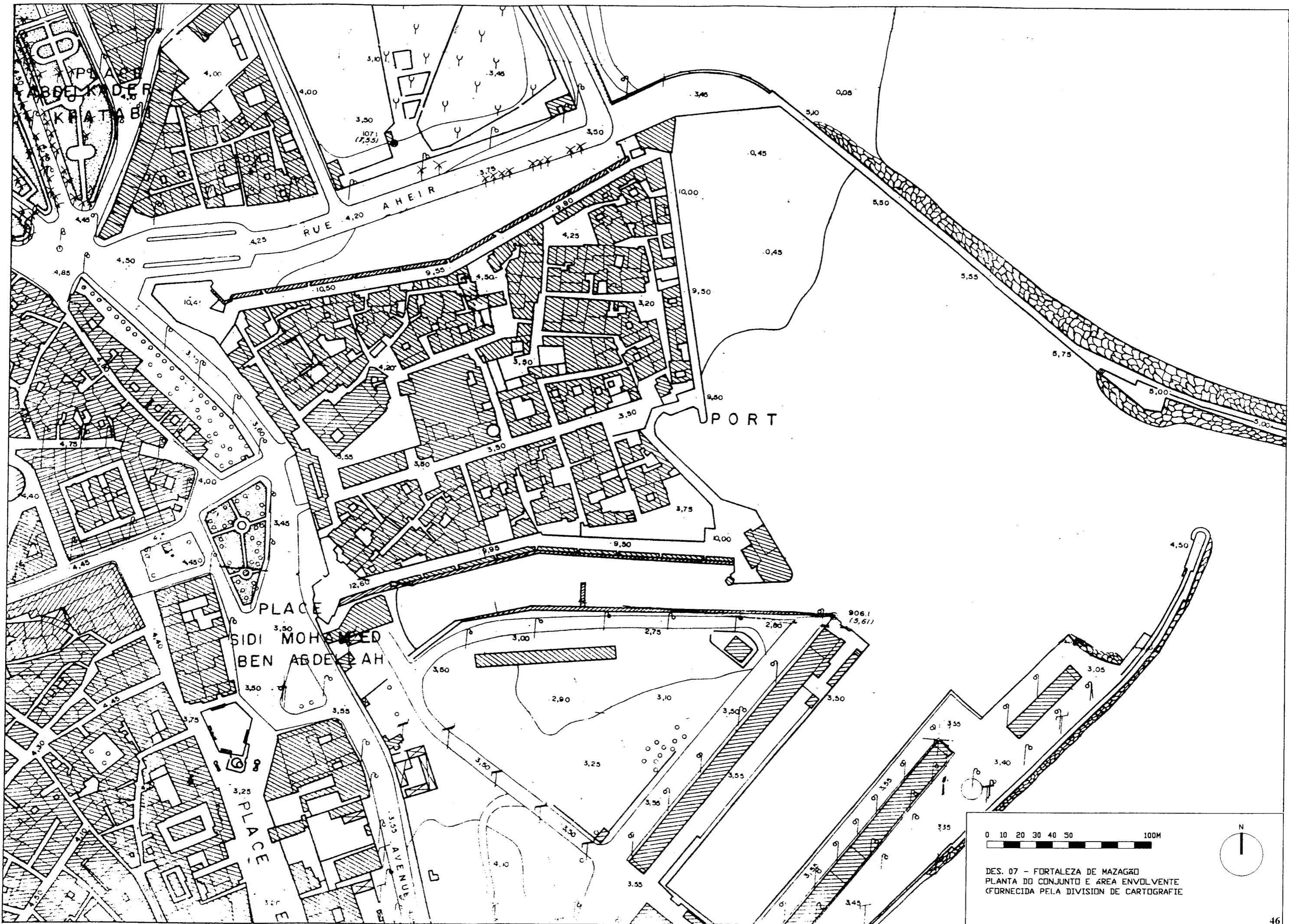
DES.05 TÍTULO PLANTA DA PRAÇA SE MAZAGAM
DATA SÉC. XVIII
AUTOR ENGENHEIRO SIMÃO DOS SANTOS

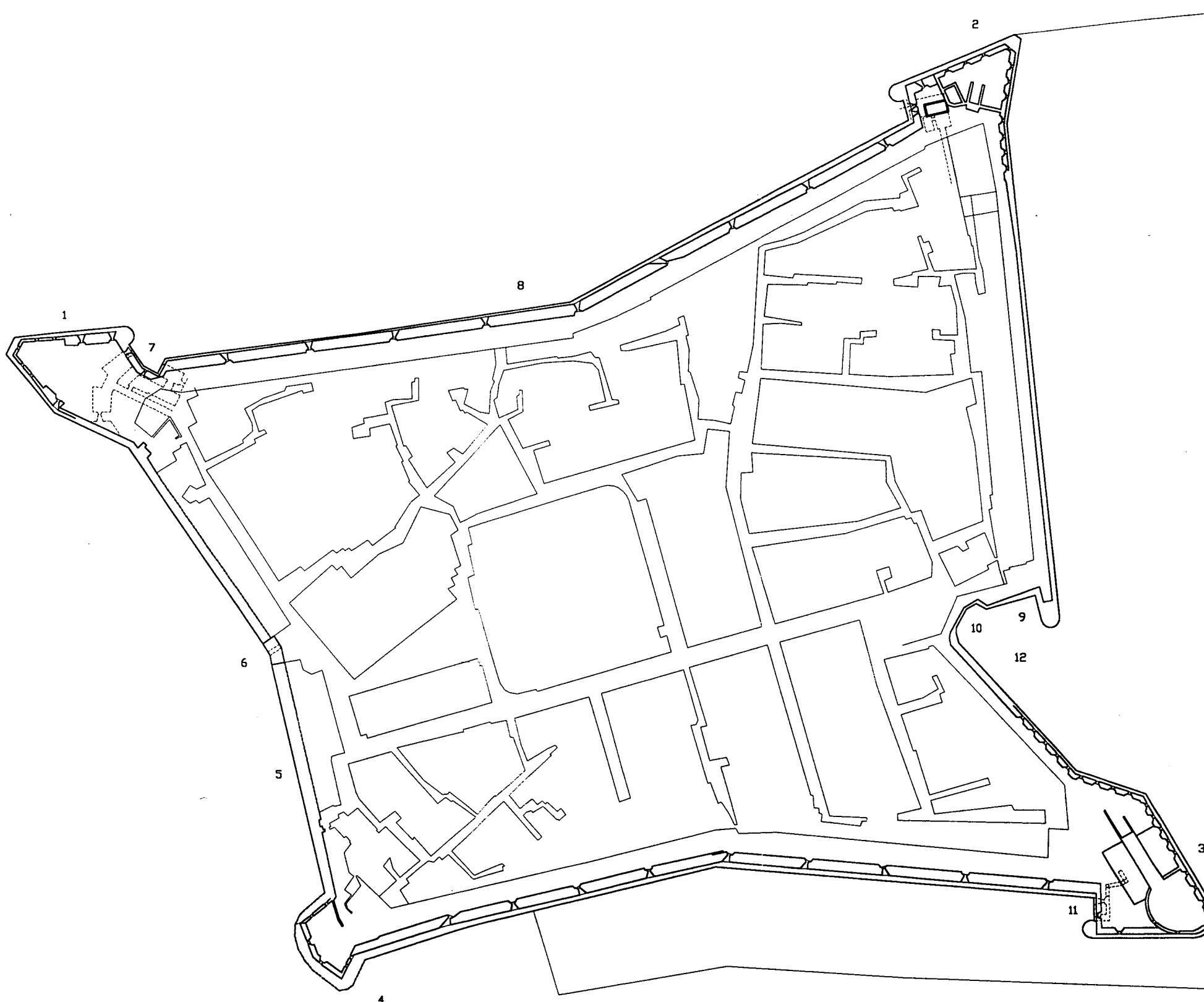
G. Torre com Cañon e Cañon	S. São João
H. Torres de Palmeira	T. Misericórdia
K. Castellegro	V. Hospital
L. Igreja Matriz	X. Palacio
L. Pridade	Y. Quartel
M. Nossa Senhora da Nazare	Z. Armazéns
N. Nossa Senhora da Luz	a. Quedaria
O. Nossa Senhora do Pilar	b. Selciros
P. São José	c. Sisterra
Q. São Francisco em S. Joaquim feita pelo C. de C. ^a	d. Passeo
R. Santa Cruz	e. Chafariz



MAZAGÃO.

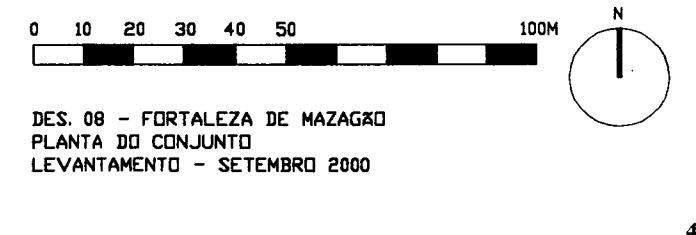
Eroes valentes homens afamados,
 Aqui viverão annos Numerosos,
 Obrarão feitos altos Sublimados,
 Aos Móuros dando Cortes Espantosos:
 Desse, que forão fortes, e alevantados,
 De Espíritos Eroicos, e briosos;
 De quem afama sempre foi notoria,
 Aqui da Patria jaz fô a memoria.

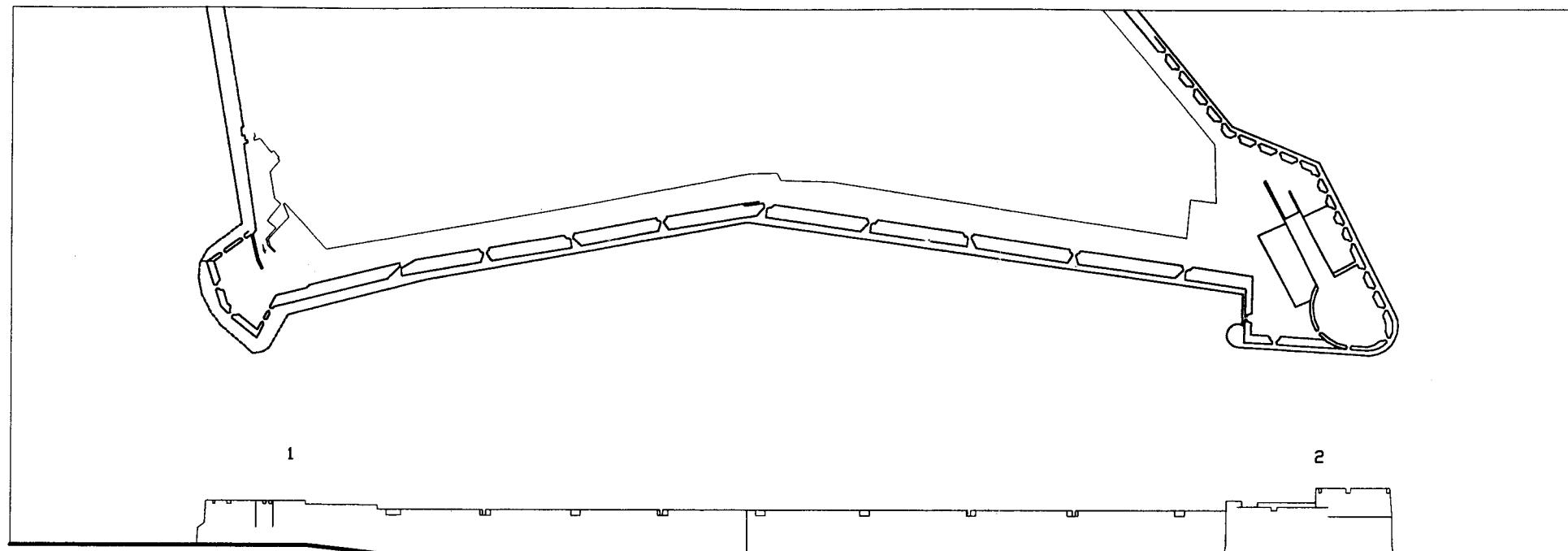




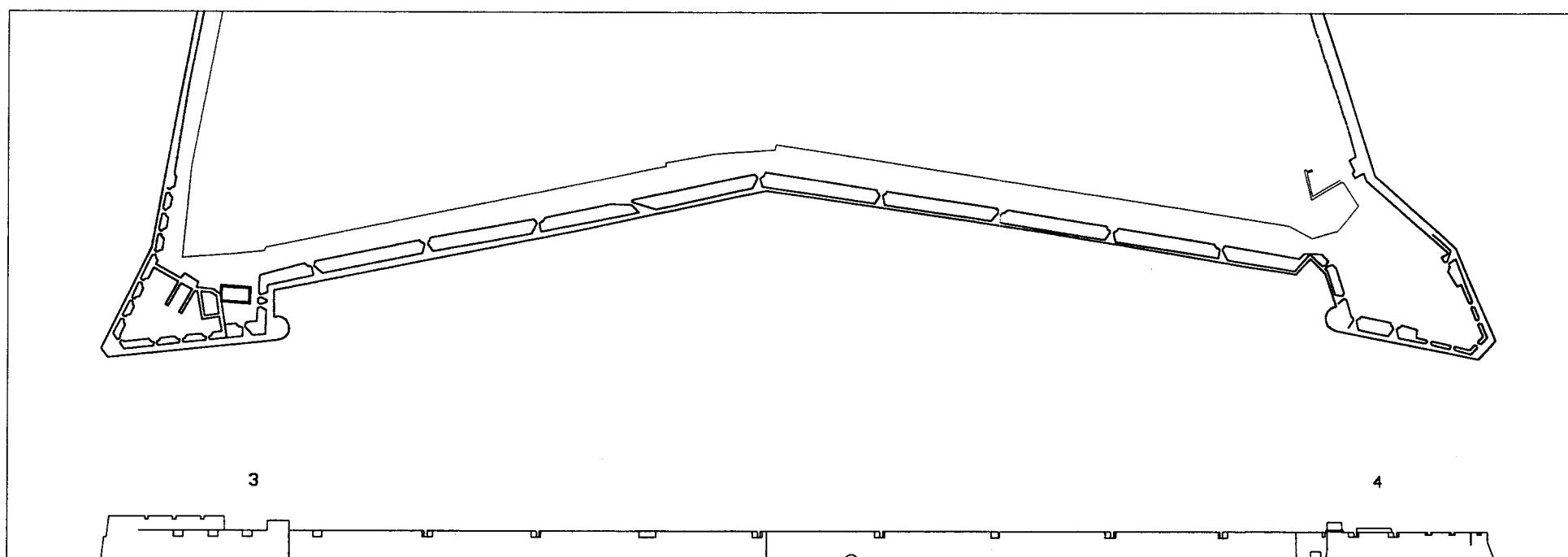
- 1 BALUARTE DE SANTO ANTONIO
 2 BALUARTE DE SÃO SEBASTIÃO
 3 BALUARTE DO ANJO
 4 BALUARTE DO SANTO ESPÍRITO
 5 PORTA DA RUA DIREITA
 6 PORTAS NA ZONA DO BALUARTE DO GOVERNADOR
 7 PORTA DA TRAIÇÃO
 8 PORTA DOS BOIS
 9 PORTA DA RIBEIRA
 10 PORTA DO MAR
 11 PORTA DO BALUARTE DO ANJO
 12 CALHETA

PLANTA REALIZADA SOBRE LEVANTAMENTO FORNECIDO PELA
 DIRECTION DES SERVICES DE INVENTAIRE DA
 DIRECTION DU PATRIMOINE CULTUREL DO
 MINISTÈRE DES AFFAIRES CULTURELLES DO REINO DE MARROCO



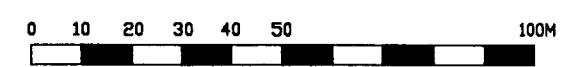


ALÇADO DA FACHADA SUL

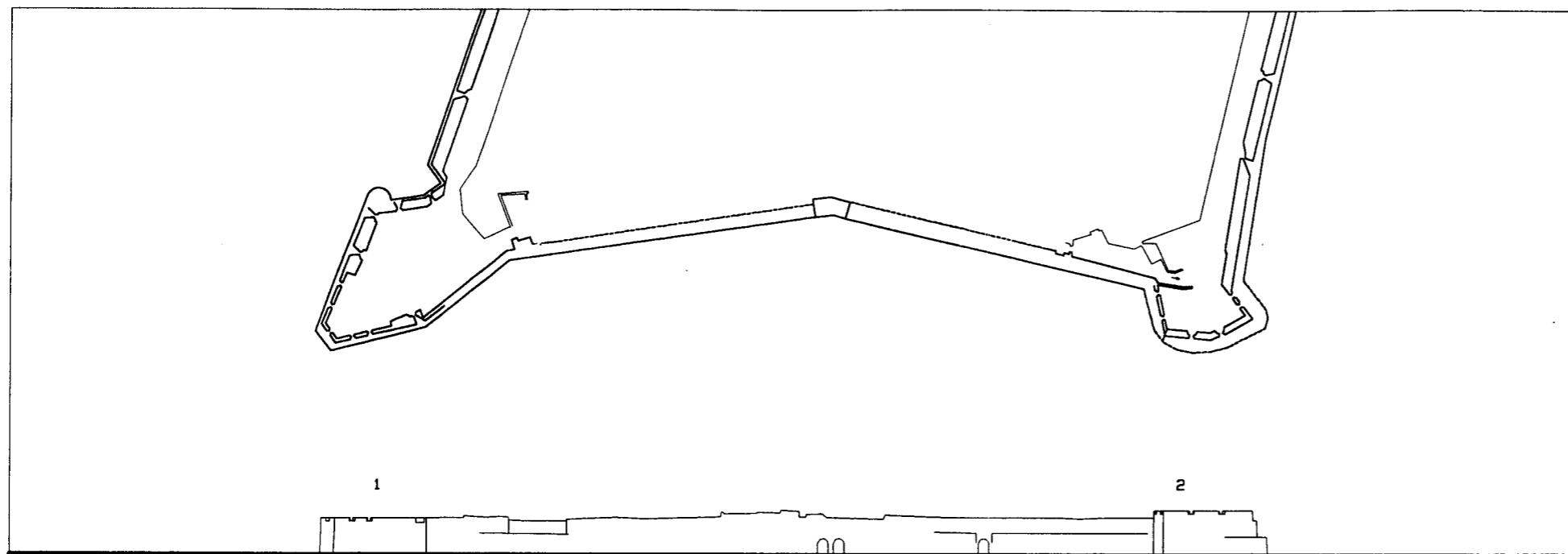


ALÇADO DA FACHADA NORTE

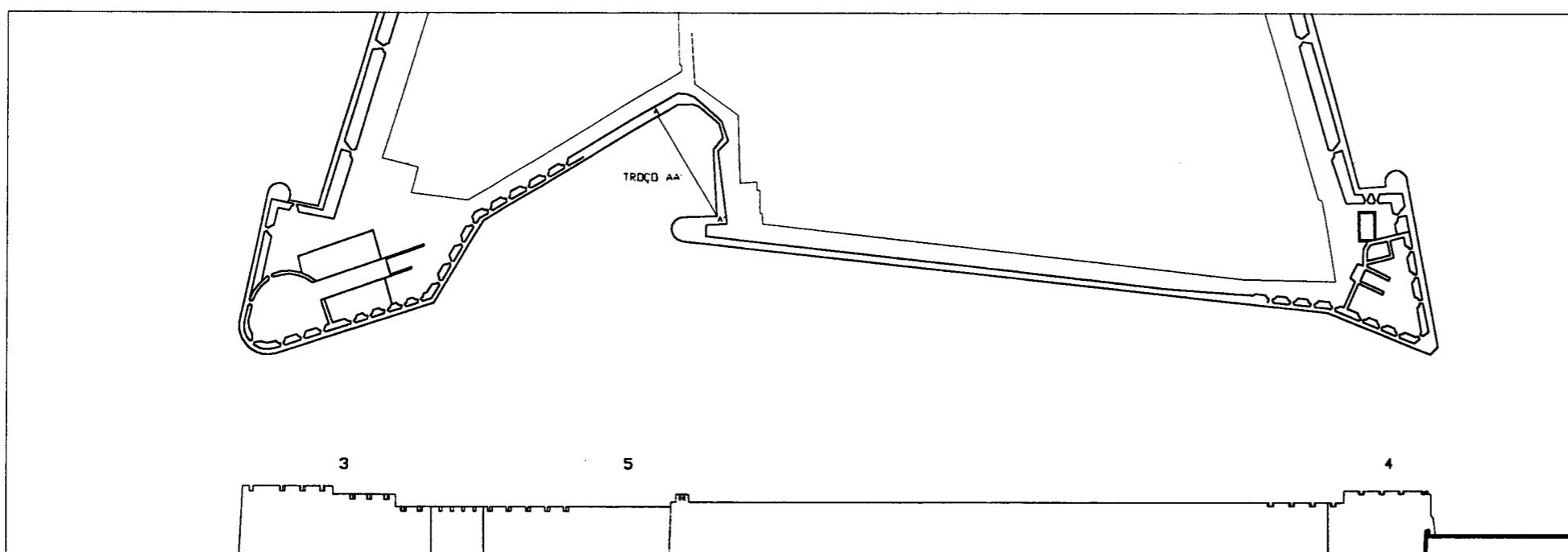
- 1 BALUARTE DO SANTO ESPÍRITO
- 2 BALUARTE DO ANJO
- 3 BALUARTE DE SÃO SEBASTIÃO
- 4 BALUARTE DE SANTO ANTONÍO



DES. 09 - FORTALEZA DE MAZAGÃO
ALÇADOS ESQUEMÁTICOS DO CONJUNTO
LEVANTAMENTO - SETEMBRO 2000



ALÇADO DA FACHADA POENTE/TERRESTRE

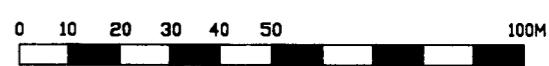


ALÇADO DA FACHADA NASCENTE /MARÍTIMA

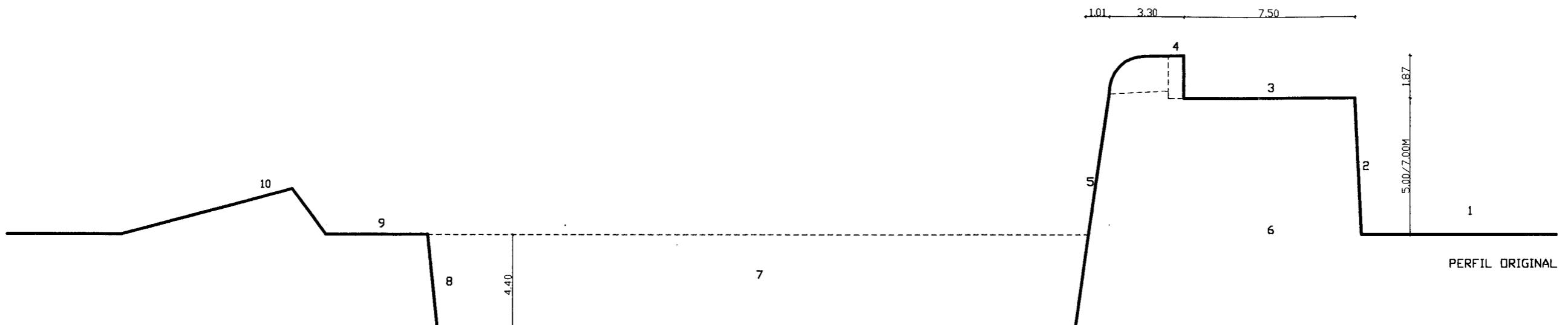
- 1 BALUARTE DE SANTO ANTONIO
- 2 BALUARTE DO SANTO ESPIRITO
- 3 BALUARTE DO ANJO
- 4 BALUARTE DE SÃO SEBASTIÃO
- 5 CALHETA



ALÇADO DO TRÔÇO A A'



DES. 10 - FORTALEZA DE MAZAGÃO
ALÇADOS ESQUEMATICOS DO CONJUNTO
LEVANTAMENTO - SETEMBRO 2000



PERFIL ORIGINAL

- 1 NÍVEL DA PRAÇA
- 2 ESCARPA INTERIOR
- 3 PLATAFORMA
- 4 PARAPEITO
- 5 ESCARPA
- 6 REPARO
- 7 FOSSO
- 8 CONTRA ESCARPA
- 9 CAMINHO COBERTO
- 10 ESPLANADA



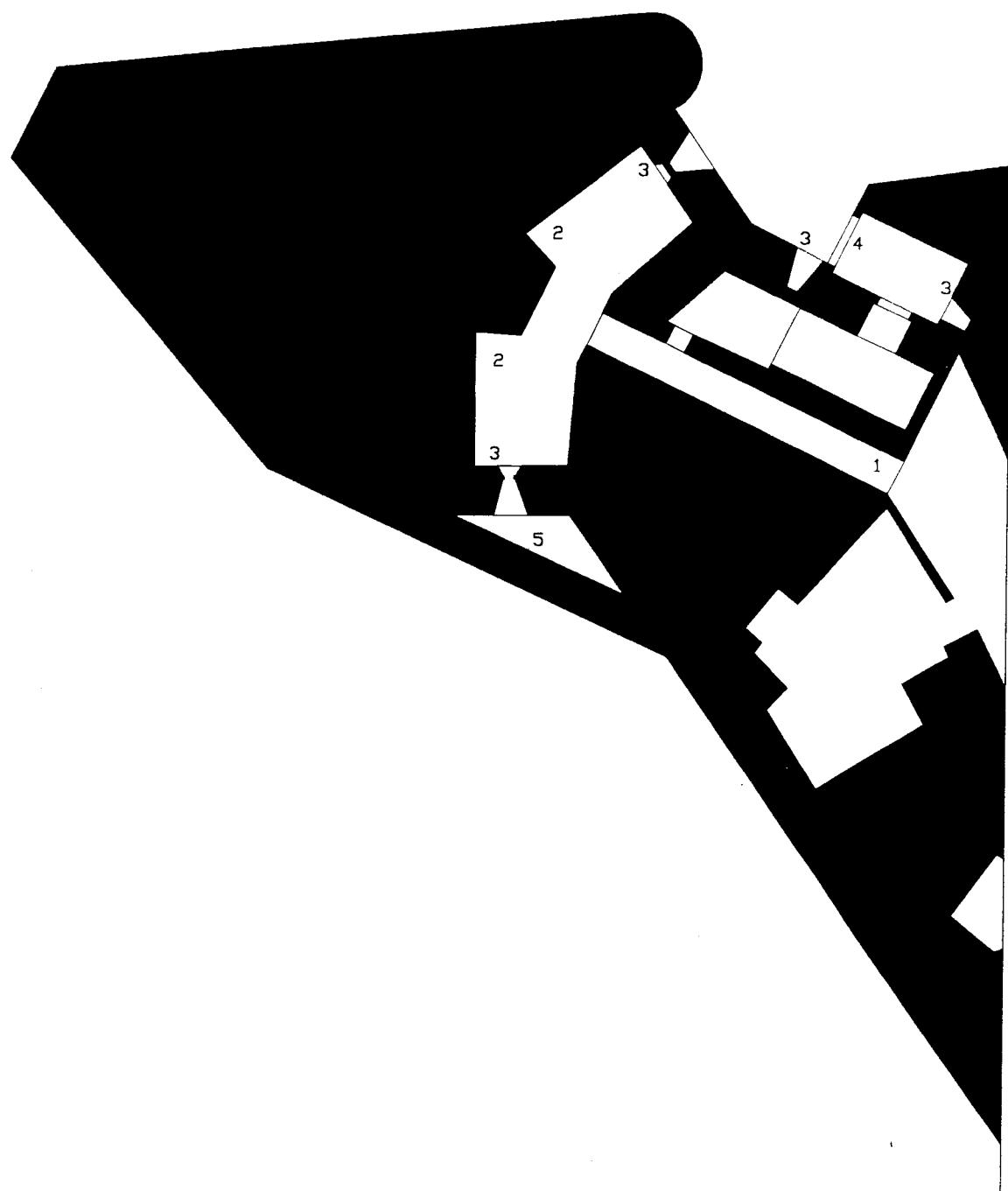
PERFIL ACTUAL

(MEDIDAS DO FOSSO SEGUNDO A PLANTA DO ENGENHEIRO SIMÃO DOS SANTOS E A NOTÍCIA QUE ACOMPANHA A PLANTA DE 1611)

0 2 4 6 8 10M

DES. 11 - FORTALEZA DE MAZAGÃO
PERFIS ESQUEMÁTICOS DA CORTINA NORTE
PERFIL ORIGINAL E PERFIL ACTUAL

- 1 ACESSO AO INTERIOR DO BALUARTE
2 CASAMATA
3 CANHONEIRA
4 PORTA DA TRAIÇAO
5 TROÇO DE MURO CONSTRUIDO FRENTE A CANHONEIRA

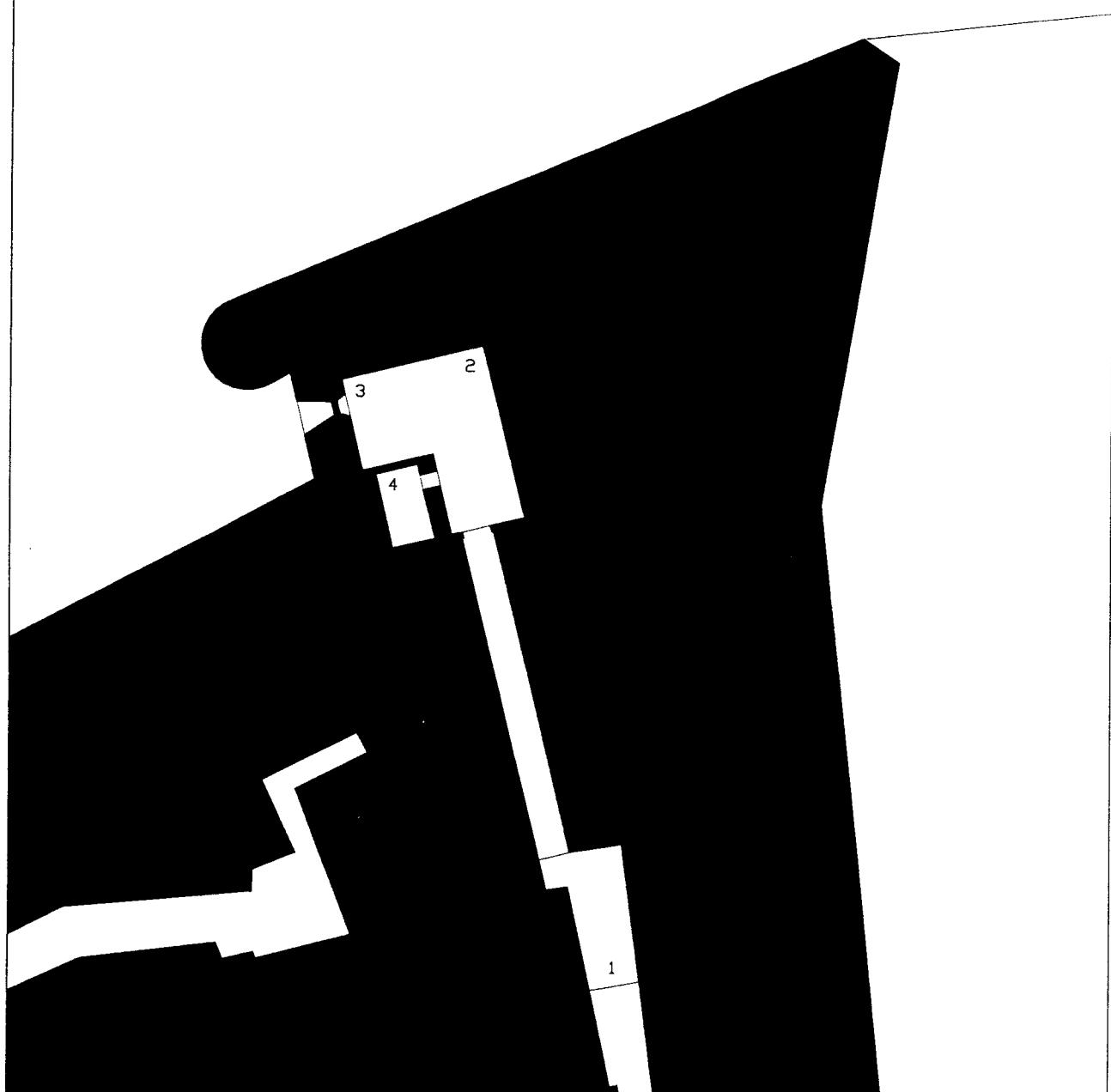


DES. 12 - FORTALEZA DE MAZAGÃO
BALUARTE DE SANTO ANTÓNIO - ESPAÇOS INTERIORES
PLANTA ESQUEMÁTICA
LEVANTAMENTO - SETEMBRO 2000

0 05 10 15 20 25M



- 1 ACESSO AO INTERIOR DO BALUARTE (INDICAÇÃO ESQUEMÁTICA)
2 CASAMATA
3 CANHONEIRA
4 PAIOL

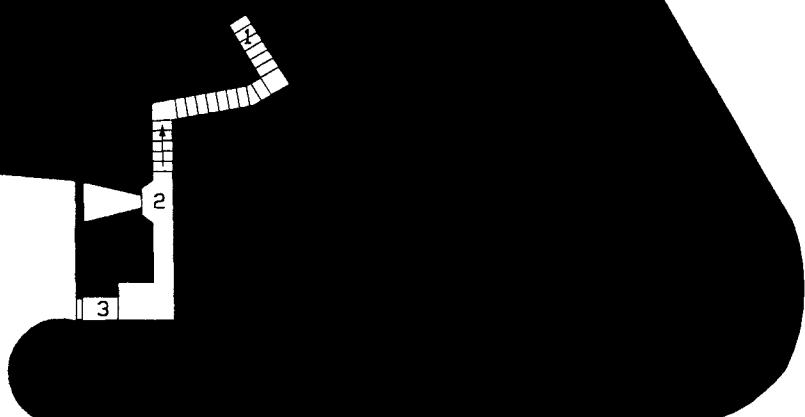


DES. 13 - FORTALEZA DE MAZAGÃO
BALUARTE DE SÃO SEBASTIÃO - ESPAÇOS INTERIORES
PLANTA ESQUEMÁTICA
LEVANTAMENTO - SETEMBRO 2000

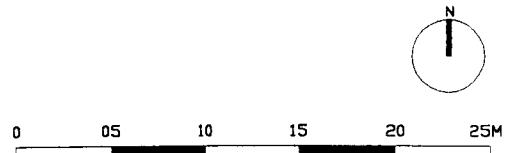


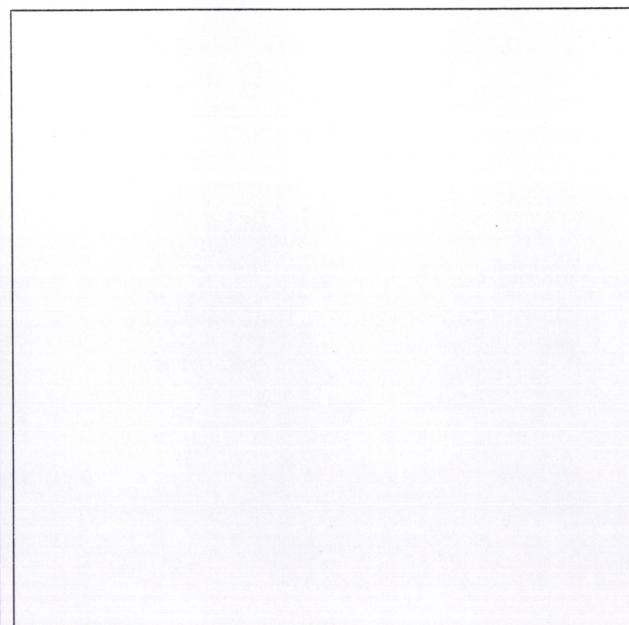
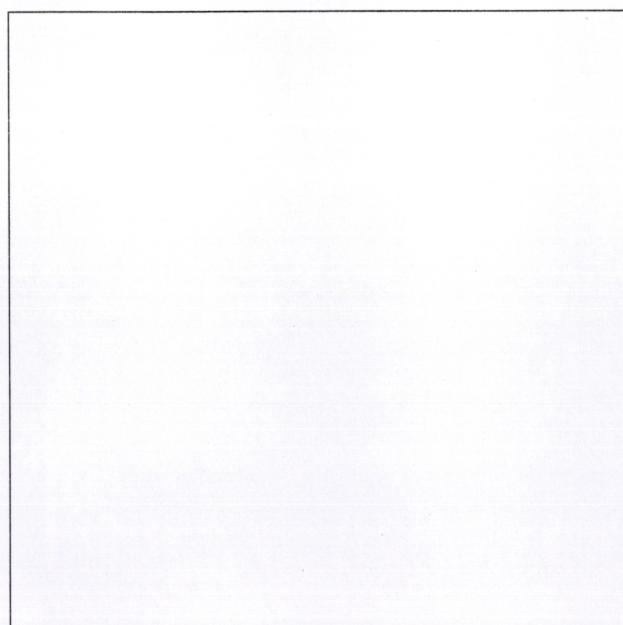
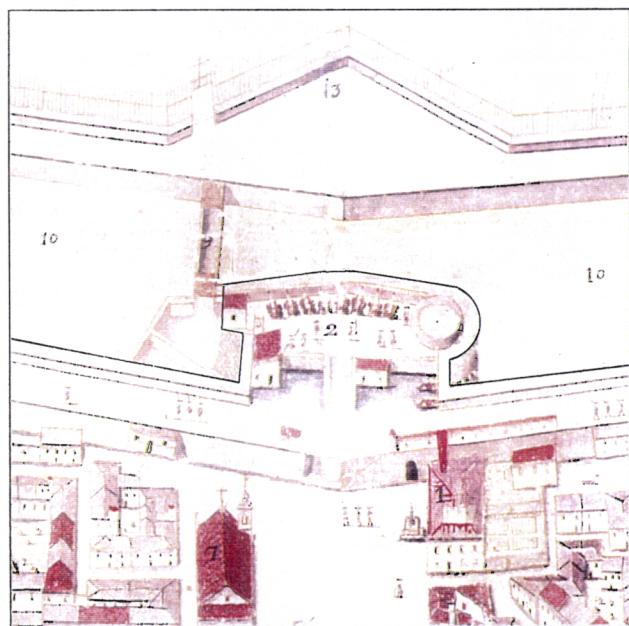
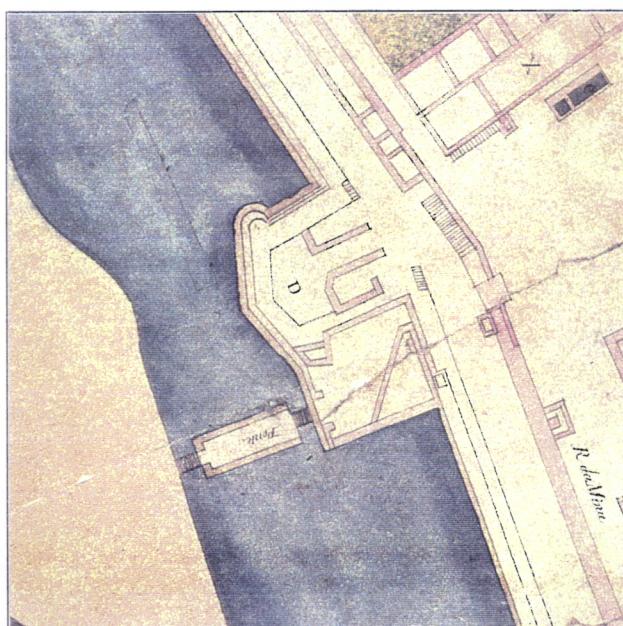
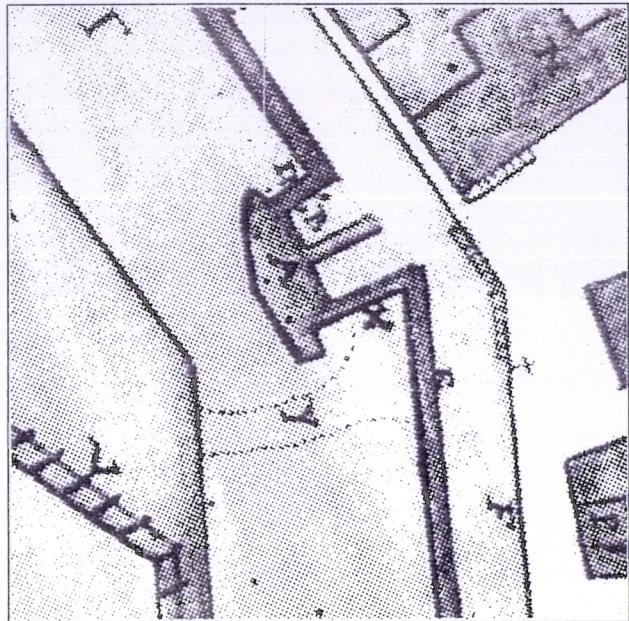
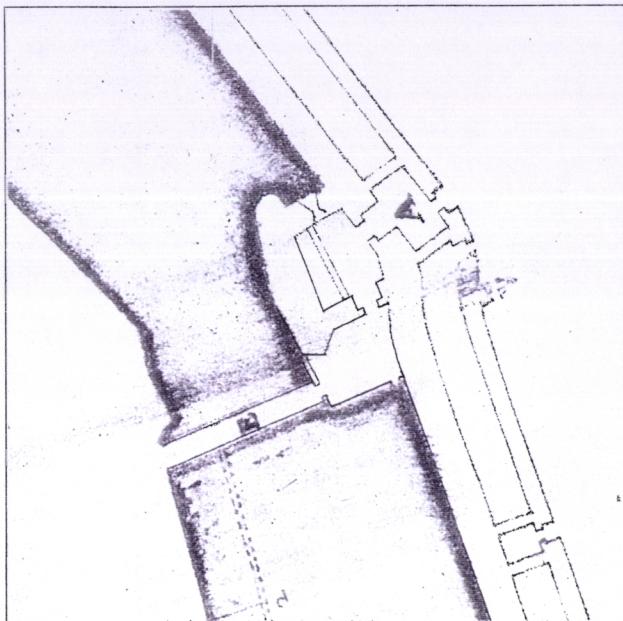
0 05 10 15 20 25M

- 1 ESCADA DE ACESSO AO INTERIOR DO BALUARTE
2 CANHONEIRA
3 PORTA PARA O FOSSO



DES. 14 - FORTALEZA DE MAZAGÃO
BALUARTE DO ANJO - ESPAÇOS INTERIORES
PLANTA ESQUEMÁTICA
LEVANTAMENTO - SETEMBRO 2000



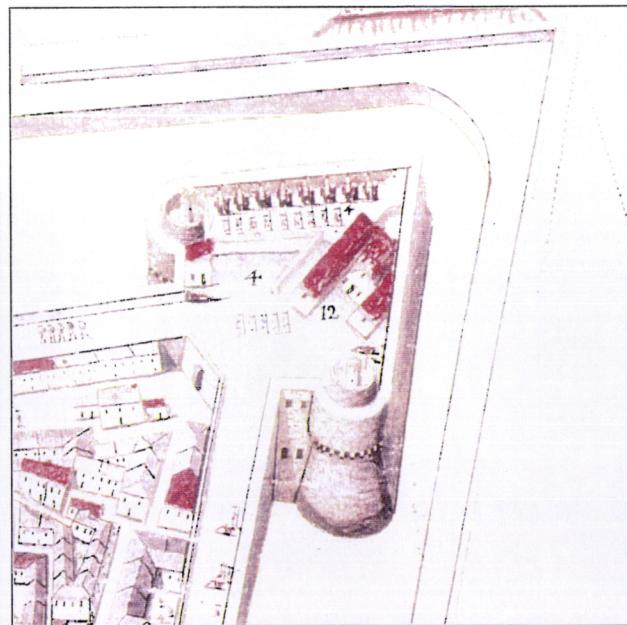
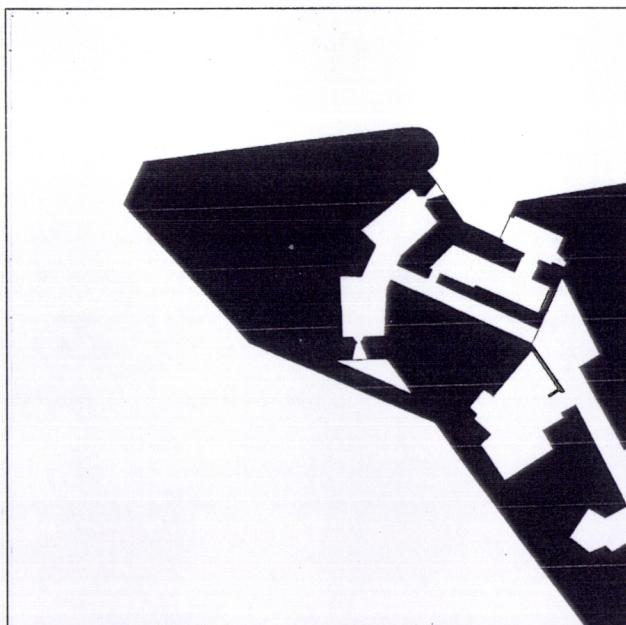
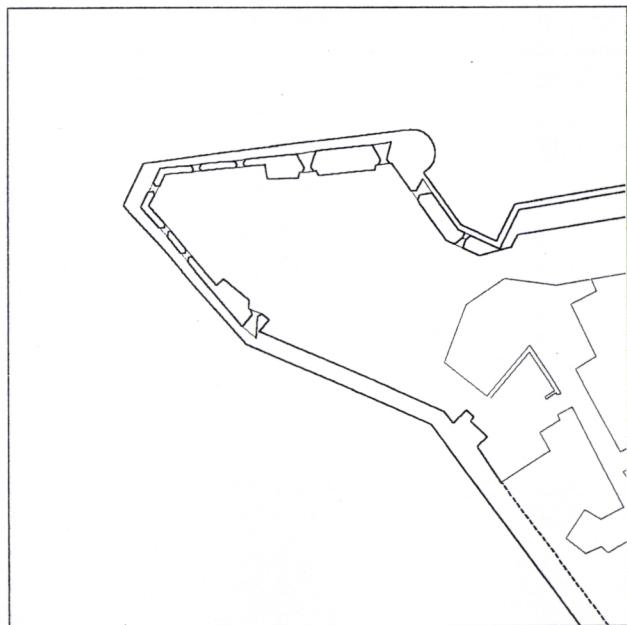
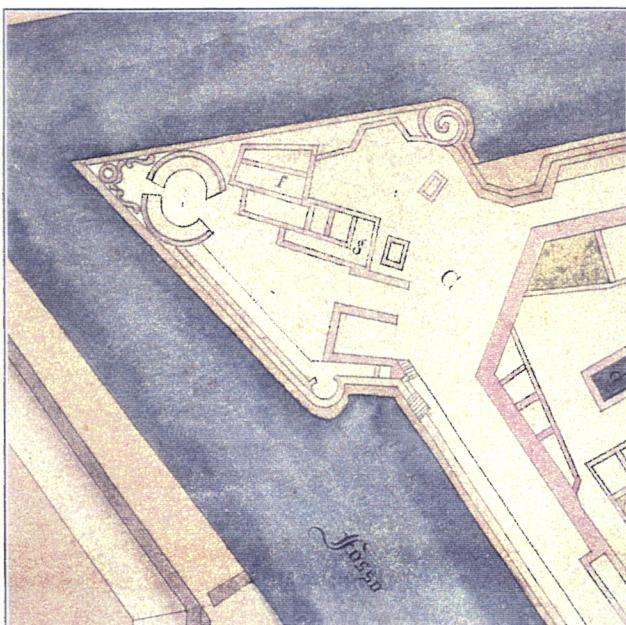
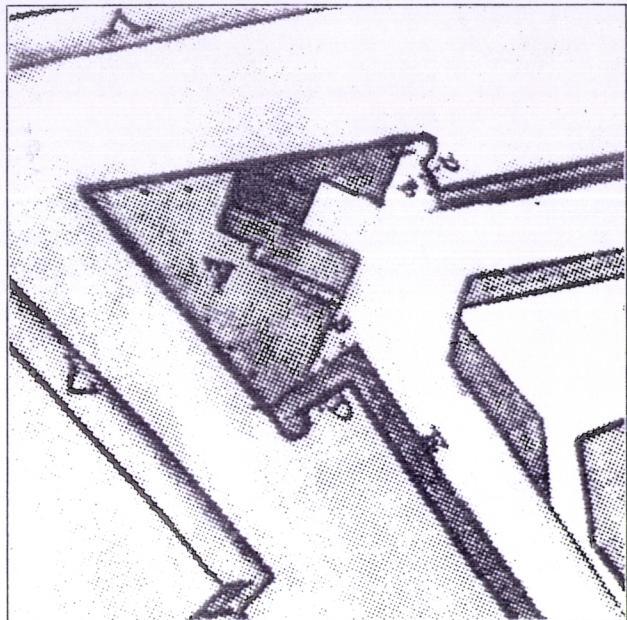
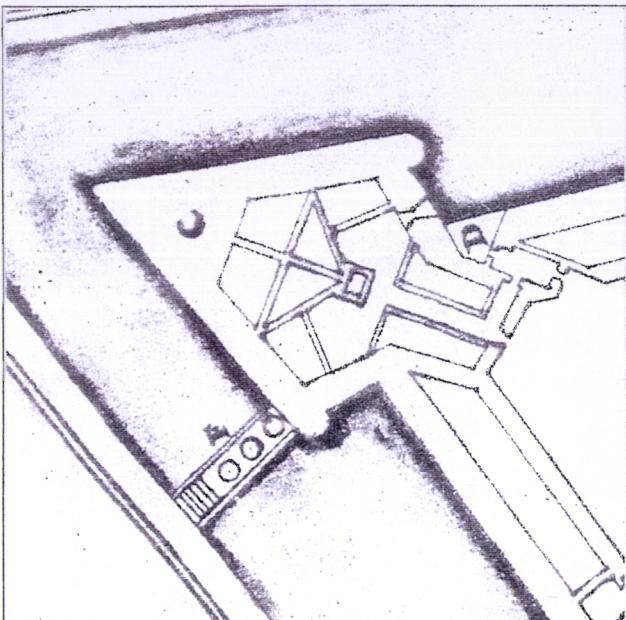


15	16
17	18

DES.15- BALUARTE DO GOVERNADOR- PLANTA DE 1611, PORMENOR
DES.16- BALUARTE DO GOVERNADOR- PLANTA DE 1757, PORMENOR
DES.17- BALUARTE DO GOVERNADOR- PLANTA DE SIMÃO DOS SANTOS/SÉC XVIII, PORMENOR
DES.18- BALUARTE DO GOVERNADOR- DESENHO DE 1802, PORMENOR (PERSPECTIVA SEM ESCALA)



0 10 20 30 40 50M

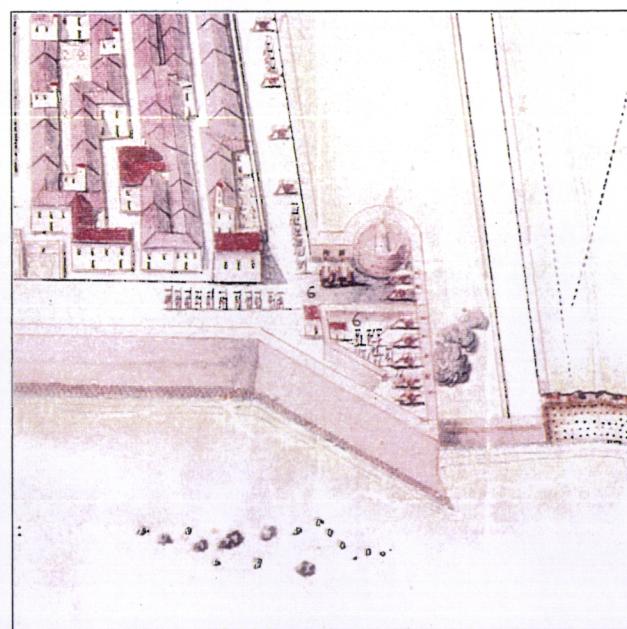
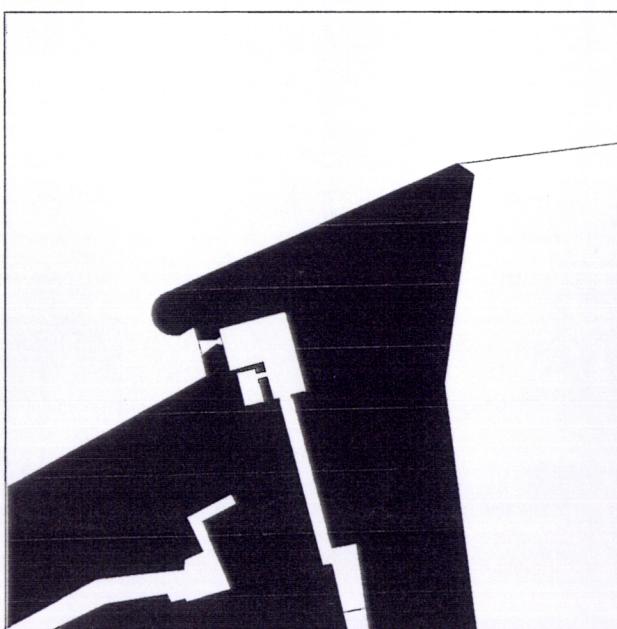
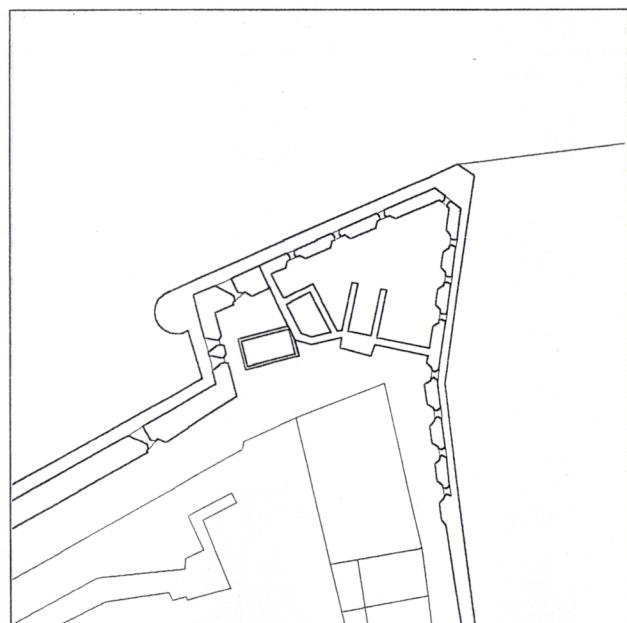
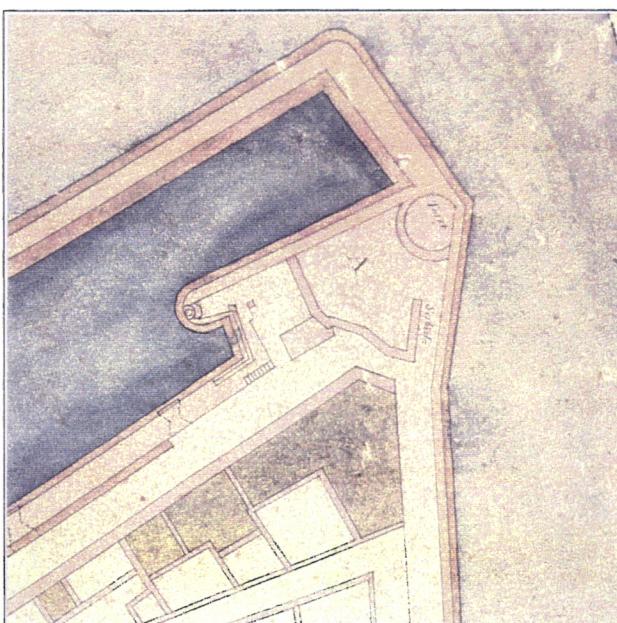
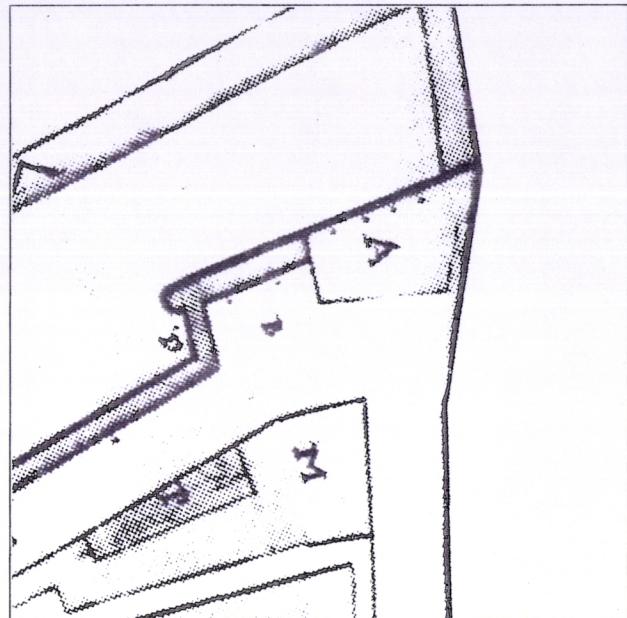
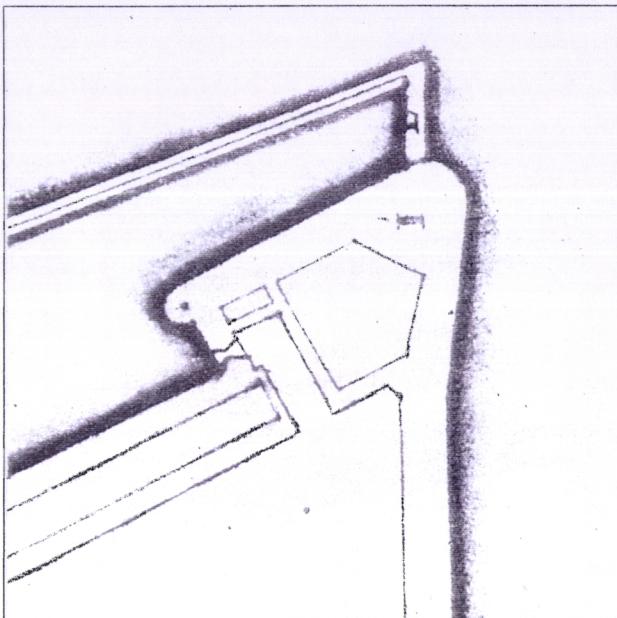


19	20
21	22
23	24

DES.19- BALUARTE DE SANTO ANTÓNIO- PLANTA DE 1611, PORMENOR
DES.20- BALUARTE DE SANTO ANTÓNIO- PLANTA DE 1757, PORMENOR
DES.21- BALUARTE DE SANTO ANTÓNIO- PLANTA DE SIMÃO DOS SANTOS/SÉC XVIII, PORMENOR
DES.22- BALUARTE DE SANTO ANTÓNIO- PLANTA ACTUAL, COBERTURA
DES.23- BALUARTE DE SANTO ANTÓNIO- PLANTA ACTUAL, PISO INFERIOR
DES.24- BALUARTE DE SANTO ANTÓNIO- DESENHO DE 1802, PORMENOR (PERSPECTIVA SEM ESCALA)



0 10 20 30 40 50M



25	26
27	28
29	30

DES.25- BALUARTE DE SÃO SEBASTIÃO- PLANTA DE 1611, PORMENOR
DES.26- BALUARTE DE SÃO SEBASTIÃO- PLANTA DE 1757, PORMENOR
DES.27- BALUARTE DE SÃO SEBASTIÃO- PLANTA DE SIMÃO DOS SANTOS/SÉC XVIII, PORMENOR
DES.28- BALUARTE DE SÃO SEBASTIÃO- PLANTA ACTUAL, CÓBERTURA
DES.29- BALUARTE DE SÃO SEBASTIÃO- PLANTA ACTUAL, PISO INFERIOR
DES.30- BALUARTE DE SÃO SEBASTIÃO- DESENHO DE 1802, PORMENOR (PERSPECTIVA SEM ESCALA)



0 10 20 30 40 50M